

# VOZES E SABERES DA COMUNIDADE ACADÊMICA INDÍGENA

UMA ANÁLISE SOBRE INCLUSÃO, ESCUTA E POLÍTICA  
LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ



ISBN: 978-65-83897-14-5

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ (UFOPA)  
PROJETO A CARTOGRAFIA DOS POVOS INDÍGENAS DA  
UFOPA: AÇÕES TRANSDISCIPLINARES INTEGRADAS PARA A  
PROMOÇÃO DE LÍNGUAS, CULTURAS E SABERES

SANTARÉM- PA  
2025

## SOBRE AS AUTORAS



*Raquel Fernandes dos Anjos*, Indígena pertencente ao povo Tupinambá. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufopa). Dedicar-se a estudos no campo da Educação Escolar Indígena. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (2023) pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) Campus de Santarém. Integrante do Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola - LELIT/UFOPA. Voluntária na Biblioteca de Literatura Infanto-Juvenil Moronguetá/UFOPA. Colabora com o Projeto de pesquisa: A Cartografia dos povos indígenas da Ufopa: Ações transdisciplinares integradas para a promoção de línguas, culturas e saberes.





*Marília Fernanda Pereira Leite*, Licenciada em Letras/Habilitação em Língua Portuguesa (UFPA). Mestra em Letras: ensino de língua e literatura (UFT). Doutora em Letras/Ênfase em Estudos Linguísticos (UFPA). Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará, lotada no Programa Intercultural do Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (Ufopa/IFII), onde atua desde 2017 na formação acadêmica de calouros indígenas que ingressam na instituição via Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI). É membra permanente do corpo docente da Licenciatura Intercultural Indígena e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará. Atualmente é tutora no Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) e coordena o Grupo PET Conexões de Saberes de Estudos Interdisciplinares: Comunidades do Campo, do Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII/Ufopa).



*Luanna Cardoso Oliveira*, Indígena pertencente ao povo Arapiun. Docente do curso Licenciatura Intercultural Indígena (LII), vinculado ao Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII/Ufopa). Graduada em Letras Português. Mestra em Educação e Doutora em Educação na Amazônia. Desenvolve pesquisa no campo da Educação Escolar Indígena. Atualmente é vice-coordenadora da LII e colaboradora do Projeto A Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa: Ações Transdisciplinares Integradas para a Promoção de Línguas, Culturas e Saberes.



*Regina Célia Fernandes Cruz*, Professora Titular da área de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará e Pesquisadora do CNPq (nível 1). Encontra-se atualmente vinculada a três programas de pós-graduação (PPGL/UFPA, PPGL/UFOPA e PPGL/UFPA) como docente permanente. Tem Doutorado em Humanidades pela Université d'Aix-en-Provence (2000), Mestrado em Linguística pela UFSC (1992) e Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa pela UFPA (1987). É também membro do projeto internacional AMPER. Foi professora visitante da UFAL, da NYU, da Cambridge University. Tem como tema central de suas investigações aspectos prosódicos, análise acústica e variação dialetal.



**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

A599v Anjos, Raquel Fernandes dos  
Vozes e saberes da comunidade acadêmica indígena: uma análise sobre inclusão, escuta e política linguística na Universidade Federal do Oeste do Pará [Livro eletrônico]. / Raquel Fernandes dos Anjos, Marília Fernanda Pereira Leite, Luanna Cardoso Oliveira, Regina Célia Fernandes Cruz. – Santarém, Pará: Ufopa, 2025.  
36 p.: il. Índice:

Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/>  
ISBN: 978-65-83897-14-5 (E-book).

Realização: O livro é fruto do trabalho do Plano de trabalho/Estudante de Pós-Graduação, intitulado Línguas e Povos Indígenas da Ufopa: a divulgação pedagógica de uma pesquisa sobre percepção. Financiado pelo Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PEEx), via comitê Gestor de Programas Institucionais, Edital n.001/20024 – CGPRITS/Ufopa .

1. Línguas indígenas. 2. Ensino Superior Indígena. 3. Política linguística. I. Leite, Marília Fernanda Pereira. II. Oliveira, Luanna Cardoso. III. Cruz, Regina Célia Fernandes. IV. Título.

CDD: 23 ed. 371.82098115

---

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440



## PREFÁCIO

O presente livro é um produto de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), cujo público-alvo é a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O livro é fruto do desenvolvimento do Plano de trabalho/Estudante Pós-Graduação, intitulado *Línguas e povos indígenas da Ufopa: a divulgação pedagógica de uma pesquisa sobre percepção*, coorientado pelas professoras Dra. Luanna Arapiun (Ufopa) e Dra. Regina Cruz (UFPA/Ufopa). A estudante indígena Raquel Fernandes Tupinambá, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufopa), organizou em formato pedagógico o 5º capítulo da tese intitulada *Da promoção da cartografia das línguas indígenas na universidade à construção de diretrizes para uma política linguística institucional multilíngue* (Leite, 2025). O Plano de Trabalho foi financiado pelo Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PEEx), via Comitê Gestor de Programas Institucionais, Edital N° 001/2024 - CGPRITS/Ufopa.

Conforme Krenak (2022, p.42) “se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas”. Desenhar/cartografar os mundos indígenas da Ufopa foi um exercício de evidenciar as diferenças para propor equidade. A cartografia linguística propagada através da Política Linguística que elegeu a língua portuguesa como língua materna do Brasil, tornou injusta as políticas de sobrevivência e fortalecimento das línguas indígenas brasileiras. No país onde a narrativa monolíngue é oficializada, as instituições reproduzem políticas de apagamento da diversidade linguística.

Para Portella (2022, p.39) “as narrativas mitológicas dos povos originários formaram as bases estruturantes para as pesquisas científicas, a história moderna inaugura um pensamento analítico, entretanto a matéria prima, ainda é os observadores da floresta”. Os povos indígenas e suas línguas guardam muitos mundos. A presença dos povos indígenas nas Instituições de Ensino Superior (IES) é matéria prima para avanços científicos e tecnológicos. Os povos originários sempre compartilharam seus saberes e tecnologias com os diferentes. Esperamos que as análises sintetizadas neste livro colaborem com o aprimoramento das políticas institucionais em desenvolvimento, voltadas para a permanência indígena na Ufopa. Como nos ensina Ailton Krenak: O futuro é ancestral. Vamos redesenhar o espaço acadêmico e colorir cartografias afetivas? Boa leitura! Boas pinturas!

PROFA. DRA. MARÍLIA FERNANDA PEREIRA LEITE  
Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural  
Programa Intercultural  
Coordenadora geral do projeto



**POVOS INDÍGENAS DA UFOPA**

- ☀️ APIAKÁ
- ☀️ ARAPIUN
- ☀️ ARARA VERMELHA
- ☀️ BORARI
- ☀️ JARAKI
- ☀️ KAYAPÓ
- ☀️ KAXUYANA
- ☀️ KUMARUARA
- ☀️ MAYTAPU
- ☀️ MUNDURUKU
- ☀️ NUKINI
- ☀️ SATERÉ-MAWÉ
- ☀️ TAPAJÓ
- ☀️ TAPUIA
- ☀️ TICUNA
- ☀️ TIRIYÓ
- ☀️ TUPAIÚ
- ☀️ TUPINAMBÁ
- ☀️ WAIÁPI
- ☀️ WAI WAI
- ☀️ XIPAIA

**REALIZAÇÃO**



**APOIO**



## SOBRE O LIVRO DIGITAL

Este livro digital é fruto da segunda edição do *Projeto A Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa: Ações Transdisciplinares Integradas para a Promoção de Línguas, Culturas e Saberes (2024-2025)*, que dá continuidade às ações iniciadas em sua primeira edição do Projeto, intitulado: *A cartografia das línguas indígenas da Ufopa (2023-2024)*. Na primeira etapa, foi realizada uma pesquisa documental sobre os povos e as línguas indígenas presentes na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). A coleta de informações foi realizada por meio de questionários aplicados a três grupos que compõem a comunidade universitária: estudantes, professores e servidores técnicos. Esse trabalho coletivo lançou as bases para a pesquisa com dados sistematizados, agora apresentada nesta publicação. A segunda edição, portanto, aprofunda e amplia os caminhos já iniciados, transformando vivências em análise, e análise em propostas para uma universidade mais justa, diversa e intercultural.

A *Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa*, nasce do compromisso com a valorização das línguas, culturas e saberes indígenas presentes na universidade. Inspirado na ideia de cartografias afetivas de Ailton Krenak, o projeto busca reconhecer e divulgar a diversidade dos povos originários que compõem a comunidade acadêmica, promovendo ações transdisciplinares e interculturais. Ao reunir dados, vivências, reflexões e propostas, este livro digital se torna um instrumento pedagógico, político e cultural.

É também um espaço de escuta, afeto e afirmação, onde os saberes indígenas não apenas são acolhidos, mas reconhecidos como ciência e como potência transformadora da universidade.

Com este trabalho, buscamos afirmar que as línguas indígenas são formas legítimas de produção de conhecimento, e que sua presença no ambiente universitário é fundamental para uma educação verdadeiramente diversa, crítica e decolonial. A estrutura do e-book está organizada da seguinte forma: a primeira seção traz os dados gerais comuns aos três grupos. As seções seguintes são dedicadas a cada categoria: estudantes, destacando suas interações, desafios e aprendizados; professores, com foco nas percepções e práticas pedagógicas frente à diversidade linguística e cultural; e servidores técnicos, evidenciando seus papéis na escuta, acolhimento e mediação institucional.

Que este trabalho possa ecoar vozes, afirmar existências e inspirar novas formas de coexistência, resistência e produção de conhecimento.



(2023-2024)



(2024-2025)

Santarém/PA, agosto de 2025

**Raquel Fernandes Tupinambá**  
Mestranda em Educação/Ufopa  
**Luanna Cardoso Arapiun**  
Professora Ufopa

## **QUEM FEZ O PROJETO ACONTECER?**

### **COORDENAÇÃO GERAL**

PROFA. DRA. MARÍLIA FERNANDA PEREIRA LEITE (IFII/UFOPA)  
PROF. DRA. REGINA CÉLIA FERNADES CRUZ (PPGL/UFPA)

### **ORIENTADORAS(ES)**

PROFA. DRA. LUANNA CARDOSO OLIVEIRA  
PROFA. DRA. MARÍLIA FERNANDA PEREIRA LEITE  
PROF. ME. MANOEL BRUNO CAMPELO  
PROF. DR. THALIS FERREIRA DOS SANTOS

### **ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO (PPGE/UFOPA)**

RAQUEL FERNANDES DOS ANJOS

### **ESTUDANTES BOLSISTAS PEEX/GRADUAÇÃO**

CASSIO SOUSA DA SILVA (INFORMÁTICA EDUCACIONAL/UFOPA)  
RAPHAEL DOS SANTOS ALVES (BIOTECNOLOGIA/UFOPA)  
SOLANGE MARIA DE ALMEIDA DA SILVA (FARMÁCIA/UFOPA)  
VALDIMAR MANHUARY MUNDURUKU (ENGENHARIA CIVIL/UFOPA)

### **ESTUDANTES BOLSISTAS PEEX/ENSINO MÉDIO**

ARLISSON HALLEY DE ALMEIDA VIANA (EETEPa-SANTARÉM)  
KAILANE DA SILVA BATISTA (EETEPa-SANTARÉM)  
MIKAÉLEN DE ALMEIDA DUARTE (EETEPa-SANTARÉM)  
PEDRO CASTRO ARAÚJO BRAZ (EETEPa-SANTARÉM)

### **COLABORADORES**

ZELINA PATRÍCIA DE SIQUEIRA CORRÊA (IFII/UFOPA)  
ALINY AYLAH AGUIAR VIANA (IFII/UFOPA)  
PAULIANA VINHOTE DOS SANTOS (EETEPa)  
INSTITUTO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL  
ESCOLA DE ENSINO TÉCNICO DO ESTADO DO PARÁ (EETEPa-SANTARÉM)  
CURSO BACHARELADO EM ENGENHARIA CIVIL (UFOPA)  
CURSO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM BIOTECNOLOGIA (UFOPA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (UFOPA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (UFPA)

### **FINANCIAMENTO**

COMITÊ GESTOR DE PROGRAMAS INSTITUCIONAIS  
PROGRAMA INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (PEEX)  
EDITAL Nº 001/2024 - CGPRITS/UFOPA

## SUMÁRIO

<b>1 Perfil Geral dos Participantes.....</b>	<b>09</b>
1.1 Distribuição por categoria.....	09
1.2 Diversidade Étnica.....	09
1.3 Distribuição dos participantes por sexo.....	09
1.4 Nível de escolaridade.....	09
1.5 Distribuição por campos.....	09
<b>2 Diversidade cultural e linguística dos povos indígenas na Ufopa.....</b>	<b>10</b>
<b>3 Saberes que acolhem, escutam e transformam.....</b>	<b>10</b>
<b>4 Análise dos dados da categoria Estudantes.....</b>	<b>11</b>
4.1 Perfil dos estudantes participantes.....	12
4.2 Presença indígena em sala de aula: realidade ou invisibilidade?.....	12
4.3 Interações no cotidiano acadêmico.....	13
4.4 Com quem dividimos as atividades acadêmicas?.....	13
4.5 Sobre o distanciamento nas atividades com estudantes indígenas.....	14
4.6 Relações entre estudantes indígenas e não indígenas.....	14
4.7 A escolha diária nas salas da universidade.....	15
4.8 Como melhorar a interação entre indígenas e não indígenas?.....	16
4.9 Percepções sobre a presença indígena na Ufopa.....	16
4.10 Conclusões da análise da categoria Estudantes.....	17
<b>5 Análise dos dados da categoria Professores.....</b>	<b>18</b>
5.1 Perfil docente: gênero dos professores participantes.....	19
5.2 Distribuição por local de trabalho.....	19
5.3 Distribuição por tempo de magistério.....	19
5.4 Distribuição dos professores por curso de lotação.....	20
5.5 Atendimento a estudantes indígenas no semestre.....	20
5.6 Dificuldades em língua portuguesa entre estudantes indígenas.....	21
5.7 Avaliação do desempenho acadêmico dos estudantes indígenas.....	21
5.8 Avaliação da compreensão dos textos escritos.....	21
5.9 Avaliação de apresentação em trabalhos expositivos.....	22
5.10 Avaliação da capacidade de resolução de provas.....	22
5.11 Ajuste da metodologia docente.....	22
5.12 Ajustes metodológicos para atender estudantes indígenas.....	23
5.13 Atendimento diferenciado aos estudantes indígenas.....	23
5.14 Ausência de capacitação institucional sobre estudantes indígenas.....	24
5.15 Avaliação do curso pelos professores participantes.....	24
5.16 Conclusões da análise da categoria Professores.....	25
<b>6 Análise dos dados da categoria Servidores/Técnicos.....</b>	<b>26</b>
6.1 Perfil e experiências dos servidores técnicos.....	27
6.2 Dificuldades de comunicação identificadas.....	27
6.3 Quanto à necessidade de intérpretes de línguas indígenas.....	28
6.4 Outros desafios da interação com estudantes indígenas.....	28
6.5 Treinamento institucional sobre os povos indígenas.....	29
6.6 Avaliação sobre os aprendizados do curso.....	29
<b>7 Considerações finais e perspectivas.....</b>	<b>30</b>
<b>8 Agradecimentos.....</b>	<b>31</b>
<b>10 Materiais complementares.....</b>	<b>32</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>35</b>

## 1 PERFIL GERAL DOS PARTICIPANTES

A pesquisa contou com 182 (cento e oitenta e dois) participantes da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Os dados foram coletados por meio de questionários, com foco em aspectos identitários, educacionais e institucionais.

### 1.1 DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA

- ✓ Estudantes: 158 (cento e cinquenta e oito)
- ✓ Professores: 18 (dezoito)
- ✓ Servidoras Técnicas: 6 (seis)

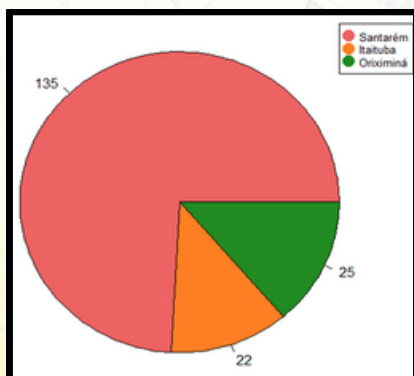
### 1.2 DIVERSIDADE ÉTNICA

Foram identificados 21 povos indígenas e 11 línguas indígenas diferentes entre os estudantes, evidenciando a grande diversidade linguística e cultural presente na universidade. Entre os povos estão: Apiaká, Arapiun, Arara Vermelha, Borari, Jaraki, Kayapó, Kaxuyana, Kumaruara, Maytapu,, Munduruku, Nukini, Sateré-Mawé, Tapajó, Tapuia,, Ticuna, Tiriyo, Tupaiú, Tupinambá, Waiãpi, Wai Wai, Xipaia

### 1.3 DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES POR SEXO

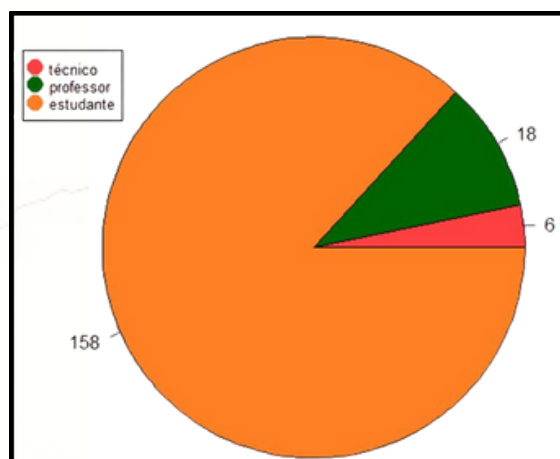
A distribuição dos participantes da pesquisa por sexo revelou que 120 (cento e vinte) pertencem ao sexo feminino e 62 (sessenta e dois) ao sexo masculino. Em porcentagem, 66% do público geral da nossa pesquisa é composto pelo sexo feminino,

### 1.5 DISTRIBUIÇÃO POR CAMPUS



Em 2024, a Ufopa contava com 8.663 (oito mil seiscentos e sessenta e três) estudantes de graduação, sendo cerca de 35 cursos ofertados apenas no campus de Santarém. Em Oriximiná, os cursos de Bacharelado em Ciências Biológicas e Bacharelado em Sistemas de Informação e em Itaituba, o curso de

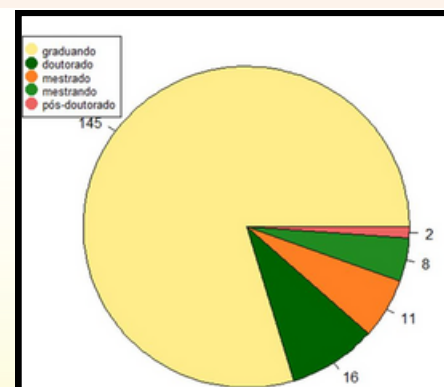
Bacharelado em Engenharia Civil. Esse cenário ajuda a compreender a maior concentração de participantes na cidade de Santarém.



A categoria dos estudantes apresentou o maior número de participantes no curso. Isso se deve, em parte, ao fato de que as primeiras turmas ocorreram em um período de greve dos servidores federais da educação, iniciada em março de 2024. Embora o curso tenha sido proposto como uma atividade pedagógica durante o calendário de mobilizações, a adesão de técnicos e professores foi limitada pelo contexto de paralisação.

### 1.4 NÍVEL DE ESCOLARIDADE

A metodologia adotada no processo de geração dos dados atraiu um público considerado de estudantes da graduação. Como resultado, a categoria “estudantes” foi a mais presente nas turmas do curso realizadas nos campi de Santarém, Itaituba e Oriximiná.



Essa predominância também se reflete no nível de escolaridade dos participantes: a maioria se identificou como graduando (a), conforme evidenciado no gráfico.

## 2 DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA DOS POVOS INDÍGENAS NA UFOPA

Nas três categorias da pesquisa, investigou-se a partir de questionários aplicados se os respondentes já haviam participado de alguma formação sobre a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas na Ufopa.

70% NUNCA PARTICIPARAM

30% JÁ PARTICIPARAM

O QUE OS PARTICIPANTES DIZEM SOBRE ISSO?

● (70%) dos participantes nunca participaram de nenhuma atividade sobre o tema.

● (30%) dos participantes já participaram de alguma formação.

⚠ Este dado revela uma lacuna significativa na formação acadêmica sobre a diversidade indígena.

## 3 SABERES QUE ACOLHEM, ESCUTAM E TRANSFORMAM

Os questionários aplicados às três categorias (estudantes, professores e técnicos) também investigaram quais aprendizados o curso proporcionou aos participantes. As respostas foram sistematizadas em quatro temas principais:

### FORMAÇÃO DOS SERVIDORES

16 participantes destacaram que o curso contribuiu diretamente para suas trajetórias profissionais, enfatizando a importância de ações formativas contínuas voltadas para todos os servidores da Ufopa.

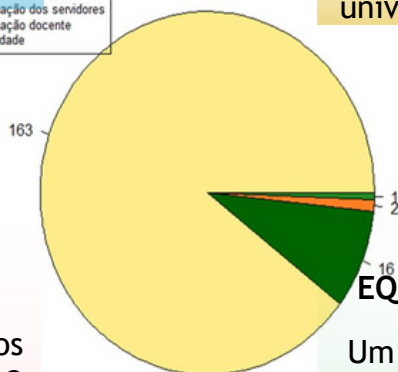
### FORMAÇÃO DOCENTE

Dois docentes relataram que o curso os ajudou a compreender melhor a diversidade indígena presente entre os estudantes e a necessidade de propor atividades pedagógicas específicas para esse público.

### INTERCULTURALIDADE

A grande maioria dos respondentes, (90%) afirmou ter ampliado seus conhecimentos sobre interculturalidade. Para muitos, o curso proporcionou reflexões profundas sobre convivência, respeito e diversidade na universidade.

● interculturalidade  
● formação dos servidores  
● formação docente  
● equidade



### EQUIDADE

Um participante mencionou que, a partir do curso, passou a entender melhor as razões pelas quais estudantes indígenas precisam de apoio específico ao longo da vida acadêmica.



**4 ANÁLISE DOS DADOS DA CATEGORIA ESTUDANTES**

## 4.1 PERFIL DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES

### DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES POR SEXO

Dentre a categoria de estudantes, 105 (cento e cinco) participantes declararam pertencer ao sexo feminino e 53 (cinquenta e três) ao sexo masculino. Em percentual, 65% dos estudantes são do sexo feminino e 35% do sexo masculino.

### DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEIS DE ESCOLARIDADE

Dos 145 (cento e quarenta e cinco) são estudantes da graduação, 12 (doze) são estudantes em cursos de mestrado e 1 (um) é estudante em curso de doutorado. Em percentual, 92% dos estudantes que participaram da pesquisa são graduandos.

### DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES POR CIDADES

Do total desta categoria, 116 (cento e dezesseis) participantes estudam no Campus de Santarém, 24 (vinte e quatro) estudam no Campus de Oriximiná e 18 (dezoito) estudam no Campus de Itaituba.

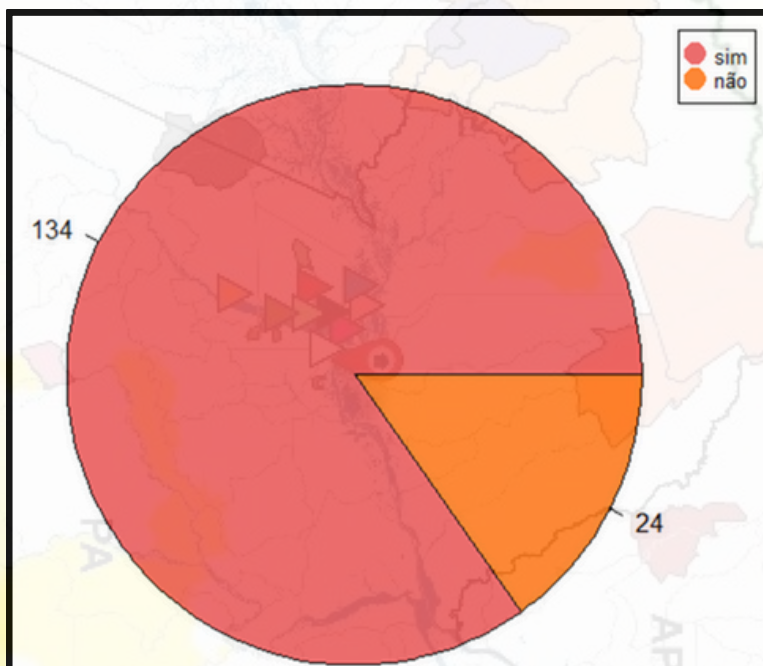
## 4.2 PRESENÇA INDÍGENA EM SALA DE AULA: REALIDADE OU INVISIBILIDADE?

Quando questionados se estudam ou já estudaram com estudantes indígenas, a maioria dos participantes respondeu positivamente:

85% (134 pessoas) afirmaram sim, reconhecendo a presença de estudantes indígenas em suas turmas.

15% (24 pessoas) disseram não ter estudado com estudantes indígenas.

**Destaca-se** que o quantitativo dos estudantes que afirmaram não terem estudado com indígenas é indicativo da invisibilidade deste público em sala de aula ou a dificuldade de permanência dos estudantes indígenas no decorrer do percurso acadêmico.



### ! IMPORTANTE SABER!

A Resolução N° 369, de 9 de dezembro de 2021, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE/Ufopa), regulamenta a realização dos Processos Seletivos Especiais (PSEI) para candidatos indígenas e quilombolas.

No artigo 7º, ela determina:

A reserva de 1 vaga para cursos com até 30 vagas anuais;

E a reserva de 2 vagas para cursos que ofertam mais de 30 vagas por ano.

### ! REFLEXÃO IMPORTANTE

Esses dados evidenciam que, apesar da maioria já ter convivido com estudantes indígenas, ainda há uma parcela relevante da comunidade acadêmica que não percebe (ou de fato não vivencia) essa presença. A invisibilidade e as dificuldades de permanência continuam sendo barreiras que precisam ser enfrentadas.

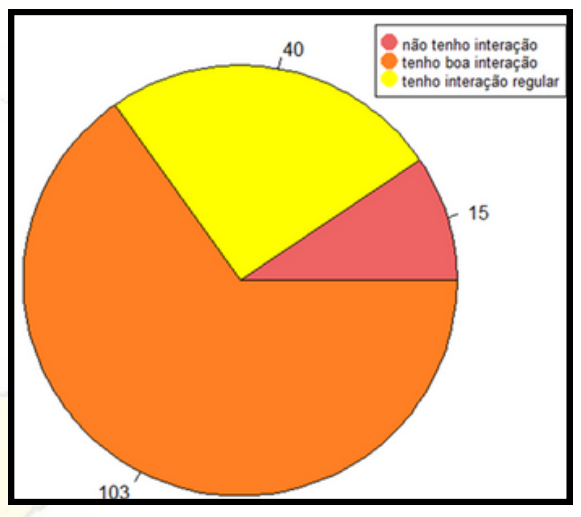
### 4.3 INTERAÇÕES NO COTIDIANO ACADÊMICO

Para compreender como os estudantes não indígenas percebem suas interações com os colegas indígenas, o questionário aplicado trouxe uma pergunta específica sobre a convivência no ambiente universitário.

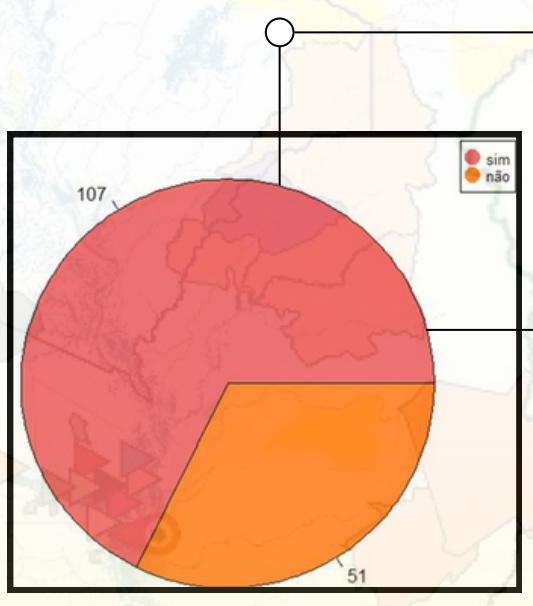
#### ! O QUE OS RESULTADOS DIZEM?

- ✓ 103 estudantes relataram ter boa interação com estudantes indígenas;
- ✓ 40 estudantes avaliaram a interação como regular;
- ✓ 15 estudantes afirmaram não ter nenhum tipo de interação com estudantes indígenas.

COMO OS ESTUDANTES NÃO INDÍGENAS AVALIAM A INTERAÇÃO DELES COM OS ESTUDANTES INDÍGENAS NO AMBIENTE ACADÊMICO?



### 4.4 COM QUEM DIVIDIMOS AS ATIVIDADES ACADÊMICAS?



O QUE ESSES DADOS NOS MOSTRAM?

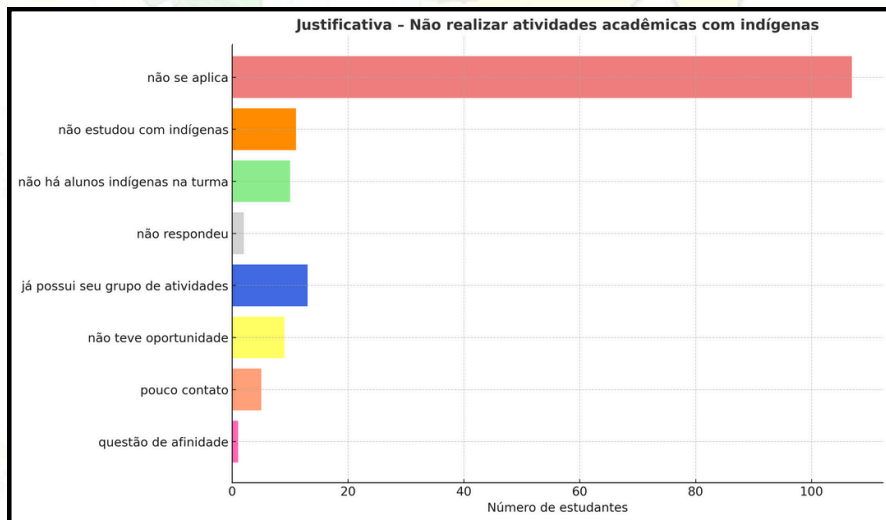
De 107 (cento e sete) estudantes (68%) afirmaram que realizam atividades acadêmicas com colegas indígenas.

O QUE ESSES DADOS NOS MOSTRAM?

De 51 (Cinquenta e um) estudantes (32%) disseram que não realizam atividades em conjunto com estudantes indígenas.

Esses dados ajudam a compreender por que muitos estudantes indígenas relatam experiências de isolamento em sala de aula e atividades coletivas. A presença física em sala não garante trocas reais. É preciso cultivar práticas inclusivas que promovam diálogo, colaboração e pertencimento.

## 4.5 SOBRE O DISTANCIAMENTO NAS ATIVIDADES COM ESTUDANTES INDÍGENAS



Com o objetivo de compreender por que parte dos estudantes não realiza atividades acadêmicas com colegas indígenas, algumas justificativas foram apresentadas:

☑ Dos 51 estudantes que disseram não participar de atividades com indígenas, 49 apresentaram justificativas; 2 não responderam à pergunta aberta.

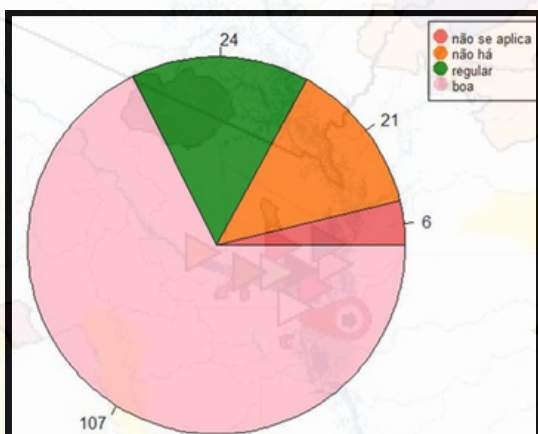
**A INCLUSÃO NÃO TERMINA NO INGRESSO: ELA SE CONCRETIZA QUANDO NOS RECONHECEMOS MUTUAMENTE COMO SUJEITOS DO MESMO ESPAÇO DE SABER!**

### REFLEXÃO SOBRE ESSES DADOS

- ☑ Essas justificativas revelam que o distanciamento vai além da ausência física. Ele é atravessado por estruturas de sociabilidade fechadas, pouca visibilidade institucional dos estudantes indígenas e lacunas nas práticas de inclusão.
- ☑ Estar na mesma sala não significa estar no mesmo espaço de trocas e aprendizados.

**É URGENTE REPENSAR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E AÇÕES INSTITUCIONAIS QUE AMPLIEM OS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA, RECONHECIMENTO E ESCUTA!**

## 4.6 RELAÇÕES ENTRE ESTUDANTES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS



Esses dados evidenciam que, embora a maioria perceba relações positivas, ainda há uma parcela significativa de estudantes que se sente distante ou desconectada da vivência dos colegas indígenas.

Com base nos dados obtidos a partir dos questionários, investigamos como os participantes avaliam a relação que mantêm com estudantes indígenas no ambiente acadêmico.

### O QUE OS DADOS REVELAM?

68% (107 estudantes) consideram ter uma boa relação com estudantes indígenas;

15% (24 estudantes) avaliam essa relação como regular;

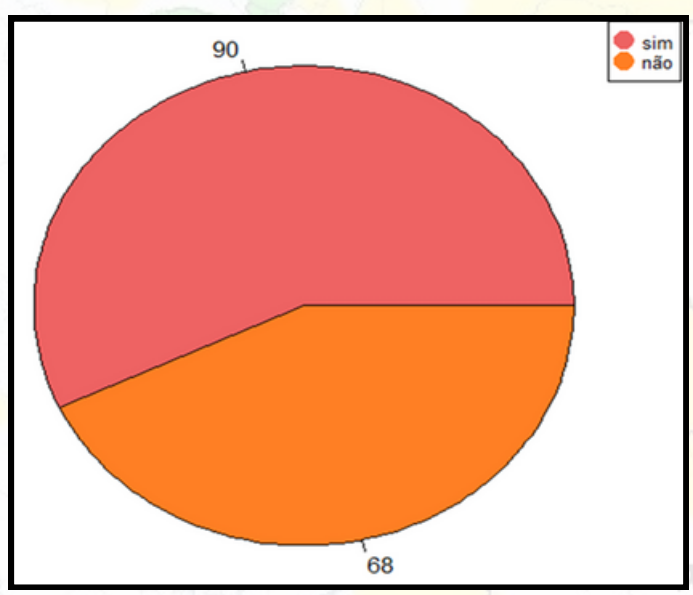
13% (21 estudantes) afirmam não ter relação alguma com estudantes indígenas;

4% (6 estudantes) justificaram a ausência de relação por serem calouros, ou seja, recém-chegados à universidade.

### 4.7 A ESCOLHA DIÁRIA NAS SALAS DA UNIVERSIDADE

Objetivando compreender o nível de empatia e apoio entre estudantes, especialmente diante das dificuldades enfrentadas por estudantes indígenas, incluímos no questionário uma pergunta direta.

VOCÊ JÁ AJUDOU ALGUM ESTUDANTE INDÍGENA EM SALA DE AULA AO PERCEBER QUE ELE ESTAVA COM DIFICULDADES?



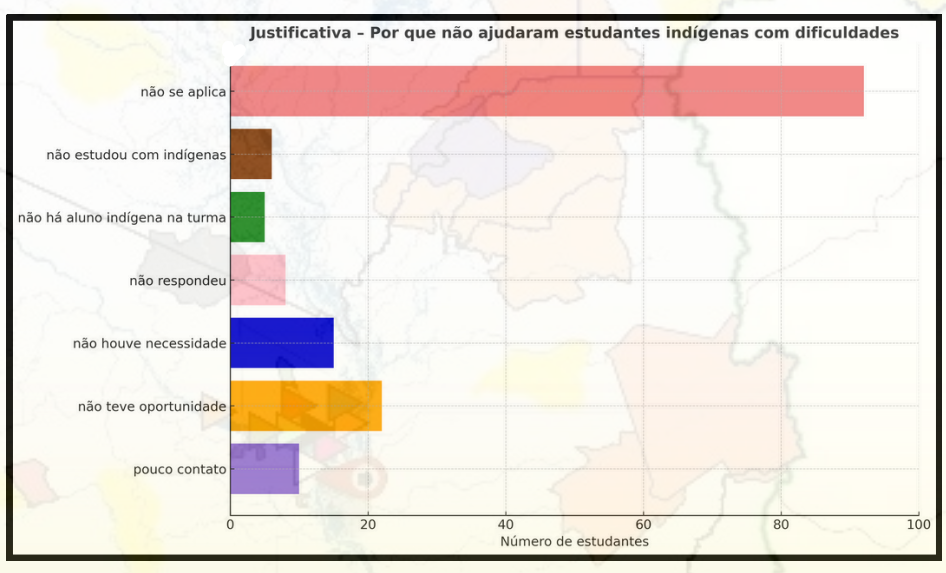
#### OS RESULTADOS MOSTRAM REALIDADES DISTINTAS

57% dos estudantes afirmaram já ter oferecido ajuda;

43% dos estudantes disseram nunca ter ajudado.

Embora a maioria indique uma postura colaborativa, o número expressivo de estudantes que nunca prestaram apoio revela a existência de barreiras, sejam elas de convivência, percepção, acolhimento ou até mesmo desconhecimento das dificuldades enfrentadas.

#### JUSTIFICATIVAS DOS ESTUDANTES

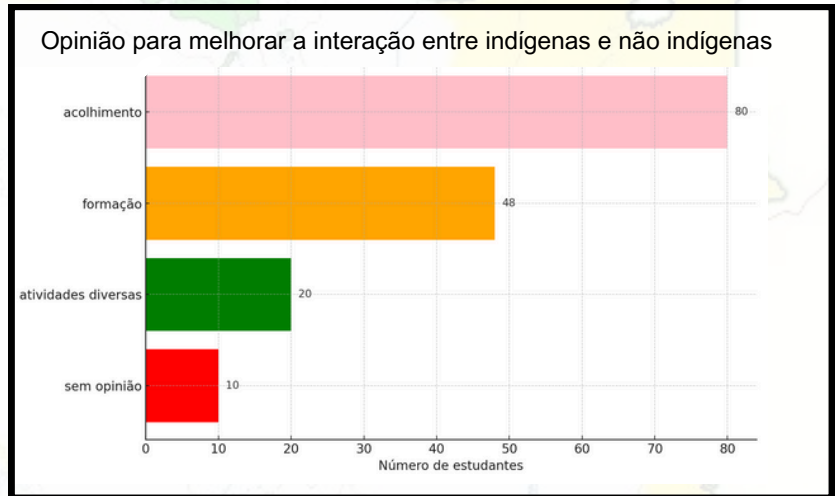


#### RESPOSTAS AGRUPADAS

- Não se aplica - 92
- Não estudou com indígenas - 6
- Não há aluno indígena na turma - 5
- Não respondeu - 8
- Não houve necessidade - 15
- Não teve oportunidade - 22
- Pouco contato - 10

O gráfico revela a diversidade de fatores que contribuem para o distanciamento entre estudantes, mesmo em um ambiente acadêmico que se propõe intercultural. Apesar dessa variedade de justificativas, é importante destacar que o número de estudantes que afirmaram ajudar colegas indígenas é maior do que os que não ajudaram. Isso demonstra que, embora haja barreiras, há também uma cultura de apoio em construção dentro da universidade.

### 4.8 COMO MELHORAR A INTERAÇÃO ENTRE INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS?



#### O QUE DIZEM OS DADOS SOBRE O ACOLHIMENTO?

- ☑ O gráfico evidencia as diferentes opiniões dos estudantes quanto às formas de melhorar a interação entre indígenas e não indígenas na Ufopa. Apesar da diversidade de sugestões, o acolhimento institucional aparece como a principal demanda, sendo mencionado por 80 estudantes, o equivalente a 51% dos participantes da pesquisa.
- ☑ Esse dado revela que, mesmo com os avanços legais da política de ação afirmativa específica para os estudantes indígenas, ainda persistem falhas na escuta, na valorização e no cuidado com esses sujeitos dentro da universidade.

#### CONTRIBUIÇÕES AGRUPADAS EM TRÊS PRINCIPAIS EIXOS:

- ☑ **Acolhimento pela comunidade acadêmica:**  
80 estudantes, ressaltaram que ações de escuta, respeito e valorização da presença indígena são fundamentais.
- ☑ **Formações sobre os povos indígenas:**  
48 estudantes sugeriram que conhecer as realidades, línguas, culturas e trajetórias dos povos indígenas pode ampliar a empatia e promover uma convivência mais consciente.

#### Atividades diversas:

- ☑ 20 estudantes destacaram a importância de atividades práticas como eventos culturais e ações colaborativas que promovam trocas reais entre diferentes vivências.
- ☑ Além disso, 10 participantes optaram por não emitir opinião sobre a questão.

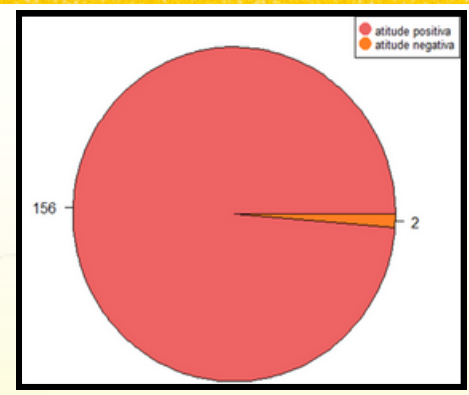
### 4.9 PERCEPÇÕES SOBRE A PRESENÇA INDÍGENA NA UFOPA

Para compreender como os(as) estudantes não indígenas avaliam a presença dos estudantes indígenas na universidade, tem-se:

Entre os 158 estudantes participantes da pesquisa:

99% dos estudantes expressaram avaliações positivas, reconhecendo a importância da presença indígena na universidade.

1% dos estudantes manifestaram opiniões negativas, defendendo que os estudantes indígenas não deveriam morar na cidade ou estudar fora das aldeias.



Esses dados evidenciam uma forte valorização da diversidade por parte da maioria dos estudantes, embora ainda existam visões excludentes que reforçam a necessidade de ações formativas e interculturais dentro da universidade.

Fonte: (Leite, 2025)

#### 4.10 CONCLUSÕES DA ANÁLISE DA CATEGORIA ESTUDANTES

A análise dos dados referentes à participação dos estudantes revela avanços e desafios importantes. Apesar da expressiva presença da categoria o número total de participantes ainda é pequeno diante do universo de mais de 8 mil estudantes da Ufopa. Essa limitação aponta para a necessidade de ampliar e diversificar as ações, alcançando mais institutos e campi da instituição. Um ponto que chama atenção é o número significativo de estudantes que afirmam nunca ter estudado com colegas indígenas.

Isso evidencia, por um lado, a invisibilidade dos estudantes indígenas em sala de aula e, por outro, levanta questões sobre sua permanência acadêmica. Mesmo com a existência de políticas afirmativas, como o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), há um distanciamento perceptível no cotidiano acadêmico.

A pesquisa também revela fragilidades nas interações sociais e acadêmicas entre estudantes indígenas e não indígenas. Parte dos participantes relatou ausência ou baixa interação, justificando por falta de oportunidade, pouco contato ou questões de afinidade. Tais dados nos alertam sobre o isolamento vivido por muitos estudantes indígenas.

Outro dado relevante é que 43% dos participantes afirmaram nunca ter ajudado colegas indígenas em sala de aula, mesmo reconhecendo suas dificuldades. Essa informação sugere a presença de uma lógica individualista e competitiva na universidade, que precisa ser confrontada por políticas de solidariedade e escuta ativa.

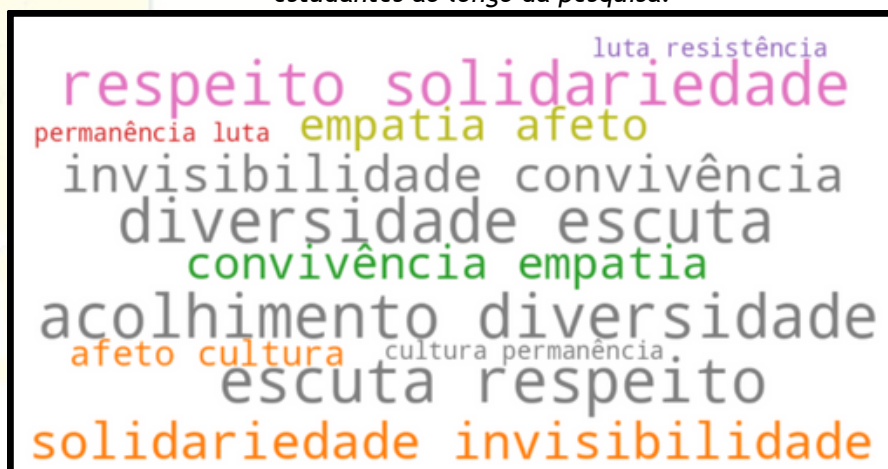
Como resposta a essa realidade, os próprios estudantes sugeriram caminhos: 51% indicaram o acolhimento da comunidade acadêmica como principal ação transformadora. Também foram propostas formações sobre os povos indígenas e atividades integrativas que favoreçam trocas culturais reais. As sugestões apontam para a urgência de criar espaços de aproximação, respeito e valorização da diversidade dentro da universidade.

Para fortalecer essas relações, é essencial promover ações inspiradas em alianças afetivas, como sugere Ailton Krenak, onde o afeto seja a ponte entre mundos diferentes. É preciso pensar a presença indígena não apenas como um direito conquistado, mas como uma oportunidade de transformação institucional.

Apenas o acesso à universidade não garante inclusão. A construção de uma universidade verdadeiramente intercultural passa pelo reconhecimento da pluralidade de saberes, da escuta sensível e da criação de vínculos duradouros entre todos os sujeitos da comunidade acadêmica.

A promoção de cursos que valorizem positivamente a diversidade da comunidade acadêmica da Ufopa é essencial. Sem o envolvimento institucional nas políticas de permanência estudantil, normas e diretrizes não sairão do papel. Para que a Ufopa, como primeira universidade federal no interior da Amazônia, se consolide na lógica da florestania (Krenak, 2022), é fundamental construir alianças afetivas com os povos da floresta.

*Termos que mais apareceram nas falas dos estudantes ao longo da pesquisa.*



Fonte: Elaborado por Raquel Fernandes Tupinambá



**5 ANÁLISE DOS DADOS DA CATEGORIA PROFESSORES**

## 5.1 PERFIL DOCENTE: GÊNERO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES

### DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES POR SEXO

Entre os 18 professores que responderam ao questionário, observamos um equilíbrio: nove são do sexo feminino e nove do sexo masculino. Esse dado demonstra uma representatividade igualitária de gênero entre os participantes desta categoria, o que permite análises comparativas mais equilibradas ao longo do estudo.

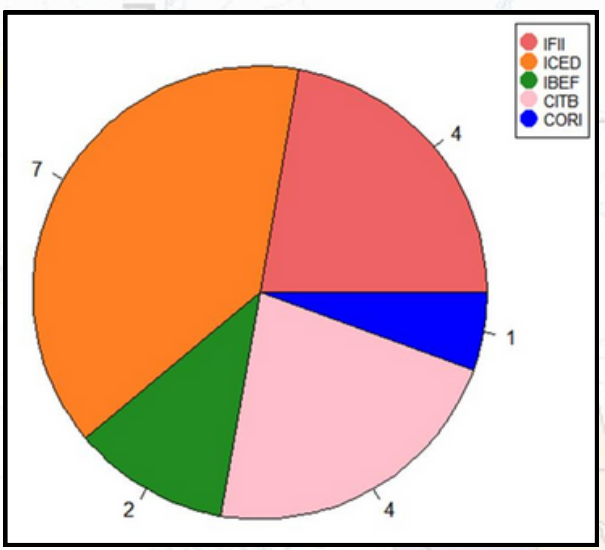
### DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEIS DE ESCOLARIDADE

Entre os títulos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, dos 18 professores que participaram da pesquisa, 8 possuem título de mestre, 8 são doutores e 2 possuem experiência de pós-doutorado. Esse dado revela a heterogeneidade no nível de formação do corpo docente envolvido, evidenciando a presença de trajetórias acadêmicas diversas no grupo analisado.

### DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES POR CIDADES

Dos 18 docentes, 13 atuam no campus da Ufopa em Santarém, 4 no campus de Itaituba e 1 no campus de Oriximiná. A predominância de docentes do campus de Santarém entre os participantes reflete, em parte, a maior oferta de cursos nesse campus, que é a sede da Universidade e concentra o maior número de programas e docentes da instituição.

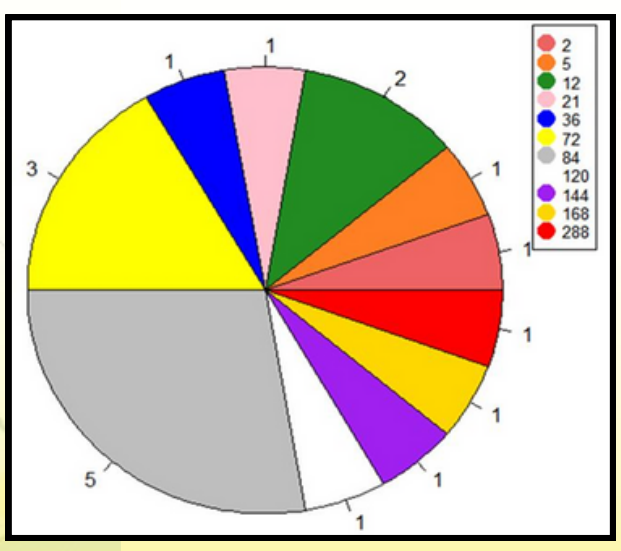
## 5.2 DISTRIBUIÇÃO POR LOCAL DE TRABALHO



Ao todo, os docentes estão vinculados a cinco diferentes unidades acadêmicas: Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII), Instituto de Ciências da Educação (ICED), Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF), Campus de Itaituba (CITB) e Campus de Oriximiná (CORI). Dos 18 professores que participaram do estudo, 13 estão lotados em institutos localizados na cidade de Santarém, 4 atuam no Campus de Itaituba e 1 no Campus de Oriximiná. Destaca-se a representatividade do Campus de Itaituba, onde é ofertado apenas o curso de Bacharelado em Engenharia Civil, mas que ainda assim contribuiu com um número expressivo de docentes em relação ao seu quadro total.

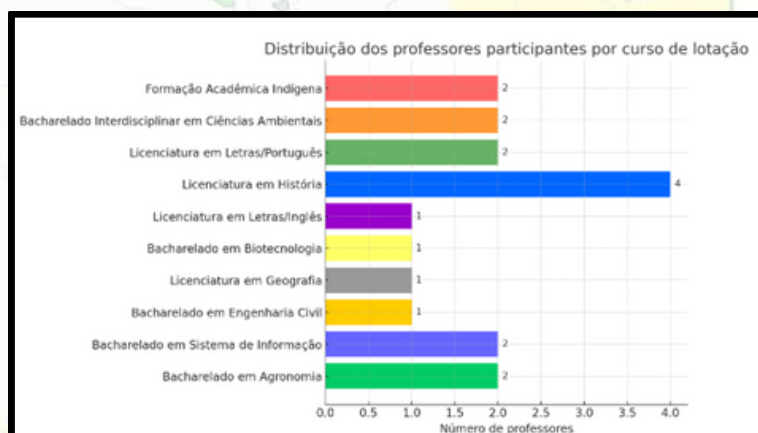
## 5.3 DISTRIBUIÇÃO POR TEMPO DE MAGISTÉRIO

O tempo de atuação dos professores é expressado em meses, considerando que alguns participantes ainda não haviam completado um ano completo de magistério na instituição. Os dados demonstram uma ampla variação, com experiências que vão desde 2 meses até 288 meses de atuação. Para fins de visualização e análise, os professores foram agrupados em 11 faixas de tempo, e alguns deles compartilham o mesmo tempo de atuação. A legenda do gráfico indica o número de meses correspondentes a cada grupo, e as barras representam o número de professores em cada intervalo de tempo. Essa diversidade evidencia a presença de docentes tanto recém-ingressos quanto com longa trajetória na Ufopa, o que contribui para a pluralidade de perspectivas e experiências dentro da instituição.



Fonte: (Leite, 2025)

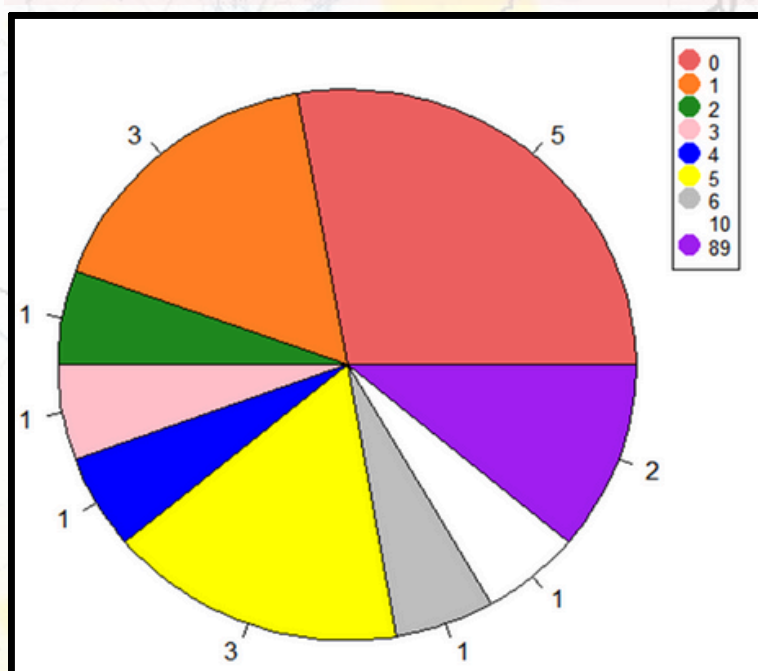
## 5.4 DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES POR CURSO DE LOTAÇÃO



Embora cada docente esteja vinculado administrativamente a um curso dentro de um instituto, sua atuação acadêmica vai além dessa lotação. Na Ufopa, o déficit de profissionais em determinadas áreas leva a um intenso intercâmbio entre cursos e *campi*. Assim, é comum que professores ministrem disciplinas em diferentes graduações e localidades. Isso significa que a experiência docente com estudantes indígenas não está limitada apenas ao curso de origem, mas se estende a múltiplos contextos acadêmicos, enriquecendo as trocas e ampliando o alcance das interações.

## 5.5 ATENDIMENTO A ESTUDANTES INDÍGENAS NO SEMESTRE

O levantamento indicou grande variação no número de estudantes indígenas atendidos pelos professores no semestre analisado, indo de 0 a 89 estudantes.



### ♦ O INTERPETRANDO O GRÁFICO

Entre os 18 docentes participantes:

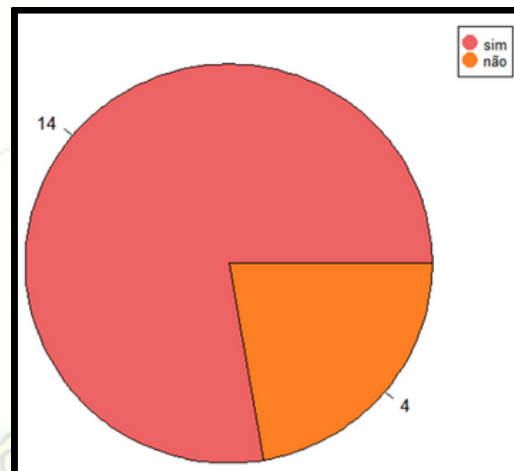
- 5 professores não atenderam nenhum estudante indígena;
- 3 professores atenderam 1 estudante indígena;
- 1 professor atendeu 2 estudantes indígenas;
- 1 professor atendeu 3 estudantes indígenas;
- 1 professor atendeu 4 estudantes indígenas;
- 3 professores atenderam 5 estudantes indígenas;
- 1 professor atendeu 6 estudantes indígenas;
- 1 professor atendeu 10 estudantes indígenas;
- 2 professores atenderam 89 estudantes indígenas.

O atendimento refere-se à presença de estudantes indígenas nas turmas em que o professor lecionou no semestre. É importante lembrar que, na Ufopa, o mínimo de carga horária de ensino para um professor efetivo é de 120 horas semestrais, equivalentes a pelo menos duas disciplinas de 60 horas cada. Os docentes que relataram ter atendido 89 estudantes indígenas no semestre são aqueles vinculados a disciplinas da Formação Acadêmica Indígena, etapa inicial obrigatória para todos os calouros indígenas que ingressam via PSEI (Processo Seletivo Especial Indígena).

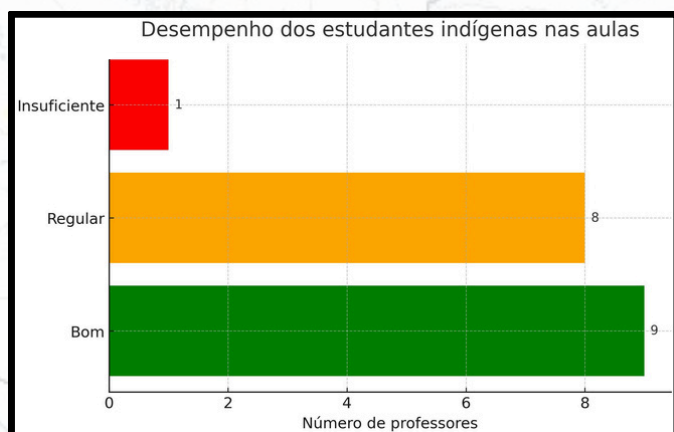
## 5.6 DIFICULDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA ENTRE ESTUDANTES INDÍGENAS

Entre os 18 professores participantes, (78%) afirmaram que, nas turmas em que atuaram, atenderam estudantes indígenas que apresentaram algum tipo de dificuldade relacionada à língua portuguesa. Por outro lado, (22%) relataram não ter atendido estudantes indígenas com esse tipo de dificuldade durante o semestre analisado.

Esses dados evidenciam que as barreiras linguísticas ainda se fazem presentes no cotidiano acadêmico da Ufopa, impactando diretamente o processo de aprendizagem e a participação dos estudantes indígenas nas atividades acadêmicas. O cenário reforça a necessidade de ações institucionais voltadas ao fortalecimento do domínio da língua portuguesa como segunda língua, sem desconsiderar e desvalorizar as línguas maternas indígenas, que são parte essencial da identidade e do patrimônio cultural desses estudantes.



## 5.7 AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS



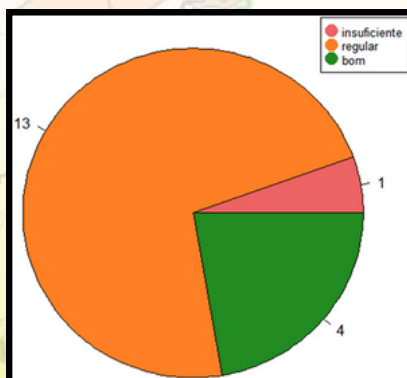
### INTERPETRANDO O GRÁFICO

Entre os 18 docentes que responderam ao questionário aplicado, (50%) avaliaram que os estudantes indígenas apresentam bom desempenho em sala de aula. Outros (44%) classificaram o desempenho como regular, enquanto (6%) considerou o desempenho insuficiente.

Esses dados revelam percepções diversas sobre o rendimento acadêmico dos estudantes indígenas, indicando que, embora a maioria dos professores tenha uma avaliação positiva, ainda há desafios a serem superados para que todos alcancem um desempenho considerado satisfatório.

## 5.8 AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO DOS TEXTOS ESCRITOS

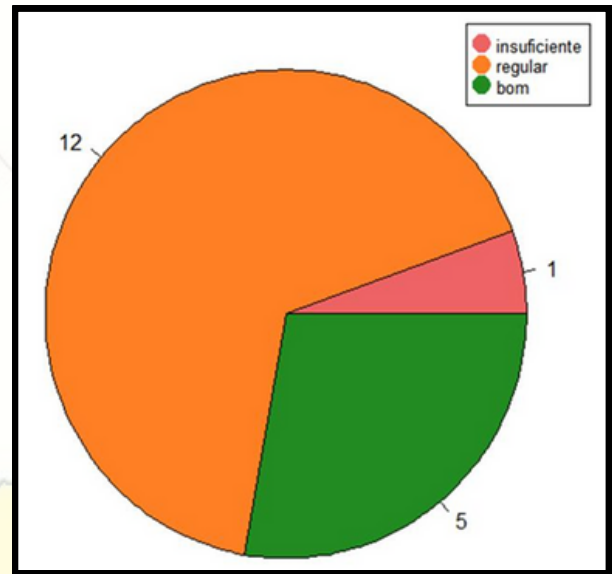
A análise das respostas dos 18 professores participantes do estudo revela que a maioria considera a capacidade de compreensão de textos escritos pelos estudantes indígenas como regular. Especificamente, (72%) dos docentes atribuíram essa avaliação, enquanto (22%) consideraram a capacidade boa e (6%) avaliou como insuficiente.



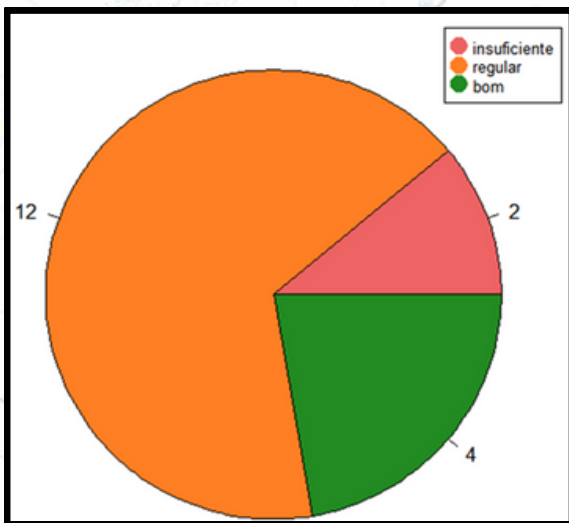
Esses dados, que contemplam tanto experiências no semestre em análise quanto em semestres anteriores, sugerem que, apesar de avanços, ainda há desafios significativos no desenvolvimento da leitura e interpretação de textos no contexto acadêmico indígena.

A avaliação dos 18 professores participantes indica que a maior parte considera o desempenho dos estudantes indígenas, na apresentação oral de trabalhos expositivos, como regular. Entre os docentes (67%) atribuíram essa classificação, enquanto (28%) avaliaram como bom e (6%) como insuficiente.

Os dados, que reúnem percepções baseadas tanto no semestre de realização do estudo quanto em experiências anteriores, revelam que, embora exista um grupo expressivo de estudantes com apresentações bem avaliadas, a predominância do desempenho regular aponta para a necessidade de fortalecer práticas pedagógicas que incentivem a segurança, clareza e expressividade na comunicação oral acadêmica.



## 5.10 AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE DE RESOLUÇÃO DE PROVAS

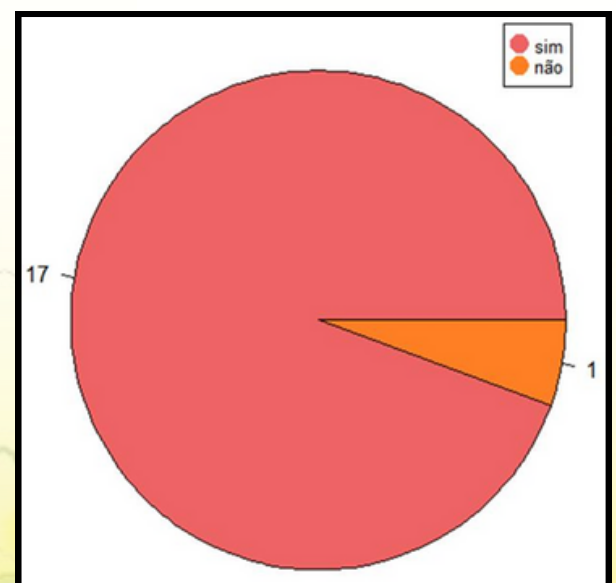


Entre os docentes, (67%) atribuíram essa classificação, enquanto (22%) consideraram o desempenho bom e (11%) o avaliaram como insuficiente.

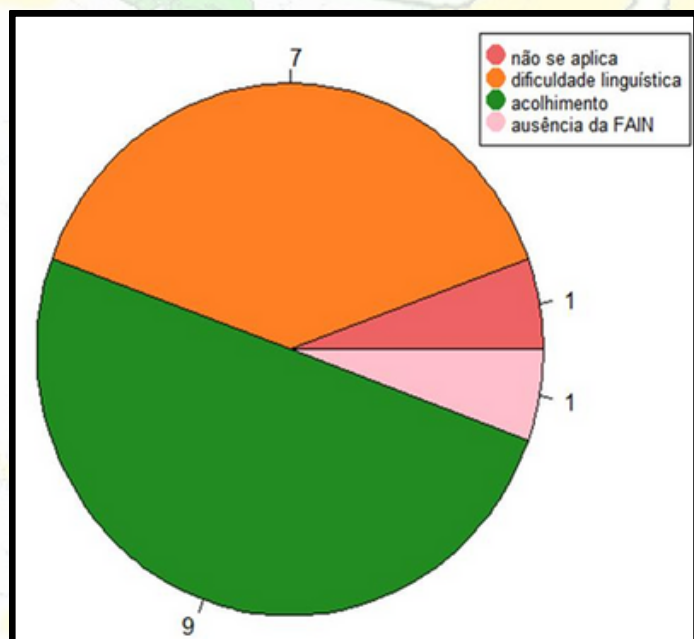
Essas percepções indicam que, embora haja um grupo de estudantes com bons resultados, a predominância do desempenho regular sugere a necessidade de reforçar estratégias pedagógicas e de apoio que favoreçam a preparação e a confiança dos estudantes indígenas frente às avaliações escritas

## 5.11 AJUSTE DA METODOLOGIA DOCENTE

Dentre os 18 (dezoito) professores, 17 (dezessete) afirmaram que nas turmas onde ministrou disciplinas realizou ajustes na sua metodologia para atender os estudantes indígenas, enquanto 1 (um) professor afirmou não realizar ajustes na metodologia proposta para a disciplina. Em percentual, 94% dos professores participantes afirmaram ajustar a metodologia das suas disciplinas para atender os estudantes indígenas. No gráfico, ao lado, apresentamos tais dados com relação à realização de ajustes na metodologia docente.



## 5.12 AJUSTES METODOLÓGICOS PARA ATENDER ESTUDANTES INDÍGENAS



### INTERPETRANDO O GRÁFICO

De 17 professores que realizam ajustes na metodologia devido à presença de estudantes indígenas, os motivos foram:

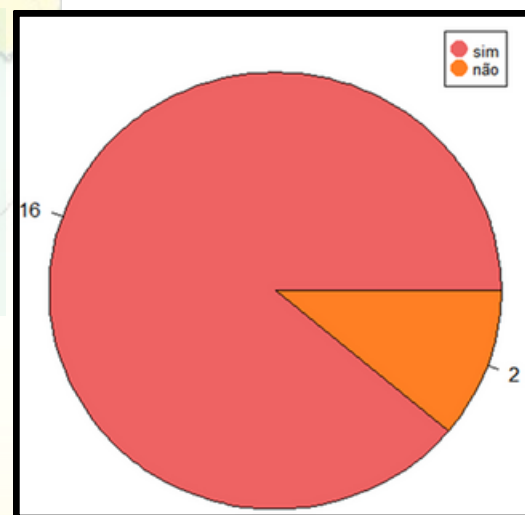
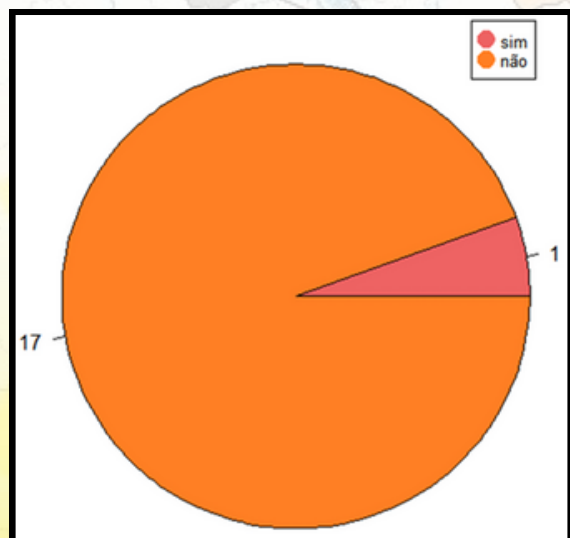
- 50% (9 professores): ajustes para acolher as realidades dos estudantes indígenas;
- 39% (7 professores): ajustes por dificuldade linguística;
- 11% (1 professor): ajustes pela ausência da Formação Acadêmica Indígena (Fain) nos campi da Ufopa, oferecida atualmente apenas em Santarém.

Os dados mostram a necessidade de adaptações pedagógicas que considerem as especificidades culturais e linguísticas dos estudantes indígenas, além de ampliar a formação institucional para todos os *campi*.

## 5.13 ATENDIMENTO DIFERENCIADO AOS ESTUDANTES INDÍGENAS

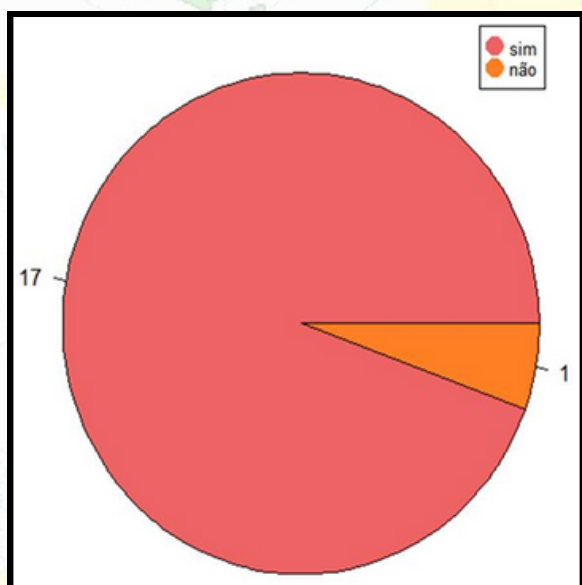
Dos 18 professores participantes, (89%) afirmaram realizar atendimento diferenciado para estudantes indígenas em suas turmas, enquanto (11%) não adotam essa prática.

Compreende-se por atendimento diferenciado, o exercício de propor atividades diferenciadas para os estudantes indígenas e acompanhar individual ou coletivamente o desempenho deste grupo de estudantes.



Sobre a existência de treinamentos oferecidos pela Ufopa para trabalhar com estudantes indígenas. Dos 18 professores participantes, (94%) afirmaram não ter recebido nenhum treinamento institucional, enquanto apenas (6%) relatou ter participado de alguma formação.

Esses dados indicam a necessidade de a instituição implementar programas de capacitação para melhor atender a esse público.



A FALTA DE CAPACITAÇÃO INSTITUCIONAL ESPECÍFICA PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES INDÍGENAS GERA PREJUÍZOS NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DE ENSINO E NO DESEMPENHO DESSES ESTUDANTES?

Dos 18 professores participantes, (94%) afirmaram que a ausência dessa formação causa impactos negativos, enquanto apenas (6%) considerou que não há prejuízos.

Os resultados ressaltam a necessidade urgente de implementação de programas institucionais de capacitação, que visem apoiar os professores e promover um ensino mais inclusivo e eficaz para esse grupo.

## 5.15 AVALIAÇÃO DO CURSO PELOS PROFESSORES PARTICIPANTES

### ANÁLISE DAS RESPOSTAS

O objetivo dessa questão foi compreender como receberam as informações sobre a diversidade cultural e linguística dos estudantes indígenas da Ufopa, mapeadas na primeira etapa da nossa pesquisa e socializada no curso.

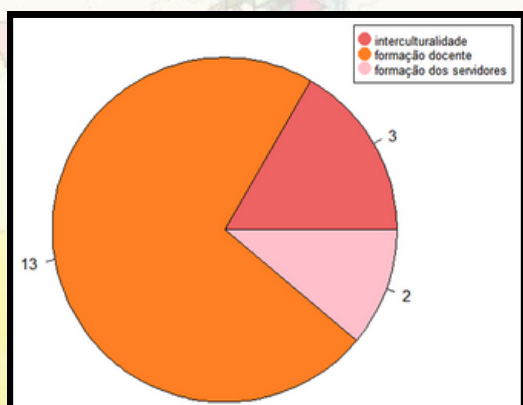
De forma geral, as avaliações foram positivas, demonstrando que o conteúdo apresentado atendeu às expectativas e contribuiu para o aprimoramento profissional dos docentes.

**Formação docente:** 13 professores destacaram que o curso proporcionou aprendizados significativos relacionados ao aperfeiçoamento da prática pedagógica, especialmente no contexto de atuação junto a estudantes indígenas;

**Interculturalidade:** 3 professores enfatizaram que o curso foi essencial para aprofundar o entendimento sobre a interculturalidade, favorecendo uma atuação mais sensível às diferenças culturais presentes nas salas de aula;

**Formação dos servidores:** 2 professores ressaltaram que o curso fortaleceu a formação dos profissionais da instituição como um todo, ampliando a capacidade de lidar com a diversidade no ambiente acadêmico.

Esses resultados evidenciam que o curso cumpriu um papel importante na sensibilização e no fortalecimento das competências docentes para o atendimento às especificidades dos estudantes indígenas, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.



## 5.16 CONCLUSÕES DA ANÁLISE DA CATEGORIA PROFESSORES

A análise da categoria professores participantes evidencia um perfil marcado pela diversidade de formação acadêmica e pela heterogeneidade no tempo de magistério na Ufopa, indo de poucos meses a décadas de experiência. Esses dados refletem a complexidade de pensar os desafios da relação entre docentes e estudantes indígenas no contexto do ensino superior. Os dados gerados, representa um universo específico: docentes que se interessaram pela temática do curso, inscreveram-se previamente e organizaram-se para participar.

Esse engajamento revela sensibilidade em relação às demandas e à situação dos estudantes indígenas na universidade. Entre os principais pontos levantados, destaca-se que 78% dos professores identificaram dificuldades dos estudantes indígenas com a modalidade padrão da língua portuguesa, a qual estrutura os gêneros textuais acadêmicos. Essas dificuldades foram observadas tanto entre indígenas alfabetizados em língua portuguesa quanto entre aqueles alfabetizados em línguas indígenas, revelando que as barreiras vão além do domínio técnico da língua, alcançando questões estruturais da educação escolar indígena na região amazônica.

A experiência acumulada nas disciplinas de Língua Portuguesa I e II do percurso formativo da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) reforça essa percepção: dificuldades em leitura, compreensão e escrita de textos acadêmicos são recorrentes em ambos os perfis linguísticos. A necessidade de percursos formativos especiais para calouros indígenas que ingressam via PSEI revela fragilidades da educação escolar indígena e a urgência de políticas alinhadas aos projetos políticos dos povos indígenas. Quando avaliados pelo desempenho em sala de aula, 50% dos professores atribuíram aos estudantes indígenas um desempenho bom. Entretanto, nas dimensões de compreensão de textos, apresentações orais e resolução de provas, houve um aumento expressivo nas avaliações regulares ou insuficientes, apontando para áreas em que o esforço individual não tem sido suficiente para superar barreiras estruturais. Essa realidade dialoga com os índices elevados de retenção e evasão desses estudantes na Ufopa.

Um dado relevante é que 94% dos professores afirmaram ajustar sua metodologia em função da presença de estudantes indígenas nas turmas. Essa prática indica abertura para a construção de um ensino mais adequado ao perfil das turmas, mas também evidencia a necessidade de que os docentes tenham acesso a informações específicas sobre seus estudantes antes do início das aulas, permitindo um planejamento pedagógico mais consistente.

Por fim, reafirma-se que construir processos educativos na perspectiva da interculturalidade crítica exige reconhecer e trabalhar as diferenças culturais, sociais e linguísticas que produzem desigualdades no ensino superior. Quando o bilinguismo e as especificidades dos estudantes indígenas são tratados como um “problema” para a instituição, perpetuam-se práticas coloniais de saber. Superar essa lógica requer uma atuação docente e institucional comprometida com o diálogo entre saberes, a valorização das identidades e a construção de um ambiente acadêmico que promova, de fato, a permanência e o sucesso desses estudantes.

*Termos que mais apareceram nas falas dos professores ao longo da pesquisa.*



Fonte: Elaborado por Raquel Fernandes Tupinambá



**6 ANÁLISE DOS DADOS DA CATEGORIA  
SERVIDORES/TÉCNICOS**

## 6.1 PERFIL E EXPERIÊNCIAS DOS SERVIDORES TÉCNICOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados obtidos a partir do formulário respondido pelas servidoras técnicas participantes da pesquisa. Considerando o baixo número de respondentes nesta categoria, optou-se por expor os resultados em formato de tabelas, preservando a clareza e a individualidade das respostas, sem a elaboração de gráficos como nas categorias estudantes e professores.

Participaram do estudo 6 servidoras técnicas. Em relação à formação acadêmica, 4 possuem título de especialista e 2 são mestras. Todas estão lotadas no campus de Santarém, distribuídas em diferentes setores administrativos, não havendo participação de servidoras técnicas dos *campi* de Itaituba e Oriximiná.

A Tabela ao lado apresenta a sistematização das respostas aplicadas no questionário. Essa questão teve como objetivo investigar, de forma específica, quais dificuldades são enfrentadas pelos participantes, relacionada à comunicação com estudantes indígenas.

Essas respostas evidenciam que a presença de diferentes línguas indígenas no ambiente universitário pode se constituir como um obstáculo para o sucesso acadêmico dos estudantes, impactando não apenas a interação cotidiana, mas também o acesso às informações técnicas essenciais sobre o funcionamento da instituição. Dessa forma, a questão linguística revela-se um fator relevante a ser considerado na formulação de estratégias de acolhimento e inclusão.

Pergunta 2.1 - Você enfrenta alguma dificuldade ao se comunicar com alunos indígenas?

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	Não
002	Não
003	Sim
004	Não
005	Sim
006	Sim

Dificuldade de comunicação com alunos indígenas

### ANÁLISANDO A TABELA

Para assegurar o anonimato, foi utilizado apenas o código de identificação do participante atribuído no formulário eletrônico. As respostas foram mantidas integralmente, sem ajustes ou edições.

Na tabela, observa-se que, das 6 participantes, 3 afirmaram enfrentar algum tipo de dificuldade na comunicação com estudantes indígenas, enquanto 3 declararam não enfrentar tais dificuldades. Dessa forma, a amostra aponta um equilíbrio: 50% percebem desafios comunicacionais e 50% não relatam obstáculos nesse aspecto.

## 6.2 DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO IDENTIFICADAS

QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA?

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	-
002	-
003	Não domínio das línguas indígenas
004	-
005	Creio que linguagem de alguns estudantes que não são bilíngues. A comunicação fica truncada.
006	Compreensão no diálogo sobre uso e funcionamento dos serviços da biblioteca

Entre os relatos, a participante 003 destacou que sua dificuldade decorre do “não domínio das línguas indígenas”. Em sentido semelhante, a participante 005 atribuiu a barreira comunicacional à “linguagem de alguns estudantes”. Já a participante 006 mencionou que sua dificuldade está “no diálogo sobre o uso dos serviços da biblioteca”.

Fonte: (Leite, 2025)

### 6.3 QUANTO A NECESSIDADE DE INTÉRPRETES DE LÍNGUAS INDÍGENAS

Na Ufopa, a variante da língua portuguesa falada por um estudante estrangeiro não costuma ser percebida como problema. Mesmo que apresente marcas evidentes de sua língua materna, esse traço é frequentemente visto com tolerância e até curiosidade, sem que o estudante seja associado à incapacidade de se comunicar em português. Entretanto, quando se trata de um estudante indígena, a presença das marcas linguísticas das línguas indígenas em sua fala costuma ser interpretada como sinal de dificuldade ou deficiência.

O processo seletivo especial para ingresso de estudantes indígenas na Ufopa é integralmente realizado em língua portuguesa, envolvendo duas etapas: a produção de um texto dissertativo e, posteriormente, uma entrevista. Ou seja, todos os estudantes indígenas da universidade sabem ler, escrever e falar em português.

**EM SUA OPINIÃO, HÁ NECESSIDADE DE UM INTÉRPRETE PARA FACILITAR A COMUNICAÇÃO ENTRE INDÍGENAS E O SETOR TÉCNICO DA UNIVERSIDADE?**

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	Não
002	Sim
003	Sim
004	Sim
005	Sim
006	Sim

Assim, as dificuldades de comunicação relatadas não estão ligadas a uma incapacidade linguística, mas sim à construção social de estereótipos, ao preconceito e ao desprestígio histórico que as línguas indígenas enfrentam em espaços de poder, como as universidades.

Em percentual, 83% das técnicas participantes do nosso estudo consideram que com o auxílio de intérpretes em português e línguas indígenas a comunicação com os estudantes indígenas seria facilitada.

### 6.4 OUTROS DESAFIOS DA INTERAÇÃO COM ESTUDANTES INDÍGENAS

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	Interação c a comunidade acadêmica
002	Receio de ser mal interpretada
003	Os desafios são relacionados às políticas institucionais para o ensino que ainda precisam avançar muito para garantir uma permanência de qualidade e que não seja violenta aos estudantes.
004	Dificuldade quando eles adentram na instituição e em sua conclusão
005	Não. Creio que a linguagem seja a principal, no meu caso.
006	A timidez em perguntar e dificuldade em encontrar ajuda/intérprete na comunicação

**"NINGUÉM É DISCRIMINADO PELO QUE FALA, MAS PELO QUE É! AO CONTRÁRIO, A FALA DAS PESSOAS PODE SOFRER DISCRIMINAÇÃO, MAS NÃO PELA FALA EM SI MESMA, SENÃO POR QUEM A FALA."**  
D'ANGELIS (2017, P. 37)

Essas respostas permitem compreender alguns dos motivos que explicam o elevado percentual de servidoras que consideram a presença de intérpretes como um recurso capaz de melhorar a comunicação entre os setores técnicos e os estudantes indígenas. Os relatos indicam que, além da barreira linguística, existem aspectos culturais, institucionais e de acesso à informação que impactam diretamente a qualidade do atendimento e o fortalecimento do vínculo institucional com esses estudantes.

## 6.5 TREINAMENTO INSTITUCIONAL SOBRE OS POVOS INDÍGENAS

29

A tabela evidencia uma lacuna importante na formação dos(as) servidores(as) técnicos(as) da Ufopa. Todas as participantes afirmaram não ter recebido qualquer tipo de capacitação institucional sobre o público indígena da universidade. Essa ausência de preparo compromete a efetividade das políticas de ação afirmativa e reforça a necessidade de conhecer profundamente o perfil da comunidade acadêmica para promover relações mais igualitárias.

**VOCÊ RECEBEU ALGUM TIPO DE TREINAMENTO POR PARTE DA UNIVERSIDADE PARA TRABALHAR COM INDÍGENAS?**

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	Não
002	Não
003	Não
004	Não
005	Não
006	Não

Conhecer o perfil da comunidade acadêmica é fundamental para o êxito das políticas de ação afirmativa já implementadas na instituição. Sob a perspectiva da interculturalidade crítica, é imprescindível tornar visíveis as diferenças culturais e linguísticas que influenciam a interação e a comunicação entre estudantes indígenas e a comunidade acadêmica não indígena.

## 6.6 AVALIAÇÃO SOBRE OS APRENDIZADOS DO CURSO

Número de identificação geral do código do participante	Resposta
001	Sim... mapa de lutas p dizimar os povos
002	Sim! Foi muito interessante conhecer o universo de línguas e etnias que estão presentes dentro da Ufopa
003	Apreendi muito sobre línguas, costumes, tradições dos povos indígenas presentes na Ufopa. Esse aprendizado é fundamental para pensar melhor políticas de ensino com a sensibilidade e a garantia de direitos para estudantes multilíngues. Para valorização desse conhecimento riquíssimo que compõe a Universidade. A experiência foi ótima, parabéns ao projeto incrível e tão importante. De total Impacto para a Universidade e principalmente para os estudantes e suas aldeias. Fico muito feliz de ver a ocupação da universidade e motivada para seguir trabalhando nesse propósito também.
004	Foi muito grandiosa
005	Estou muito satisfeita com a oportunidade de participar deste curso. Não fazia ideia da quantidade de povos que frequentam a universidade, além da noção da diversidade linguística deles. Sugiro que cursos como esse sejam frequentes, fazendo-nos imergir cada vez mais na cultura e na forma de ser, se comunicar e viver desses povos.
006	Muito. A clareza do desafio em integrar os estudantes e capacitar os servidores (técnicos e docentes) para um acolhimento e oferecimento de uma melhor prestação de serviços ao público, no caso específico, ao estudante indígena.

As avaliações revelam impactos significativos no reconhecimento e valorização da diversidade linguística e cultural presente na Ufopa. Associada à política pioneira de percurso acadêmico diferenciado para calouros, é fruto de uma trajetória marcada pelo diálogo e pela construção coletiva de políticas de ação afirmativa.

Essa experiência demonstra a necessidade urgente de uma política linguística institucional que não apenas reconheça, mas também promova e fortaleça as línguas indígenas, consolidando a Ufopa como uma universidade genuinamente multilíngue e comprometida com a interculturalidade crítica. As vozes das servidoras técnicas que participaram do curso revelam não apenas aprendizados, mas também um despertar para a potência linguística e cultural que habita a Ufopa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

O presente e-book, fruto da segunda edição do Projeto Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa, reafirma o compromisso institucional e coletivo com a valorização das línguas, culturas e saberes dos povos originários presentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A análise dos dados obtidos junto a estudantes, professores e servidoras técnicas revela avanços significativos, mas também evidencia desafios persistentes que demandam ações urgentes e estruturantes. A pesquisa apontou que, embora haja um reconhecimento majoritário da importância da presença indígena no espaço universitário, a efetivação da inclusão ainda encontra barreiras de ordem linguística, cultural e institucional. Questões como a invisibilidade em sala de aula, a baixa interação entre indígenas e não indígenas, as dificuldades na comunicação e a ausência de formação específica para docentes e técnicos administrativos indicam que o ingresso, por si só, não garante permanência e sucesso acadêmico.

As falas e percepções registradas ao longo deste trabalho destacam a urgência de políticas linguísticas institucionais que fortaleçam o bilinguismo, assegurando que as línguas indígenas não apenas sobrevivam, mas sejam legitimadas como formas legítimas de produção de conhecimento. Do mesmo modo, a formação intercultural contínua para todos os segmentos da universidade, docentes, técnicos e estudantes, é essencial para romper estereótipos, combater preconceitos e promover uma convivência baseada no respeito e no diálogo.

O acolhimento institucional, apontado como principal demanda por mais da metade dos participantes, deve ser compreendido como um eixo estruturante das políticas de permanência estudantil. Somam-se a isso a criação de espaços de trocas culturais, o fortalecimento da Formação Acadêmica Indígena e o incentivo a atividades que promovam integração e pertencimento.

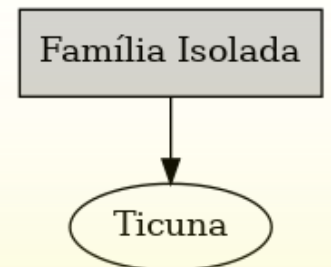
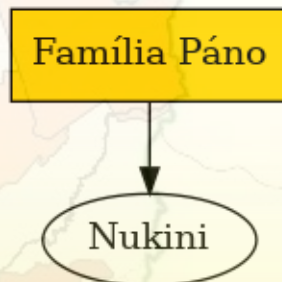
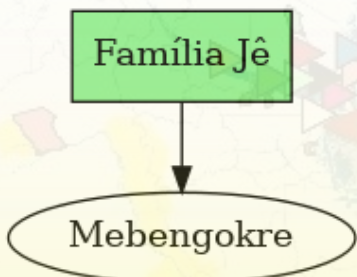
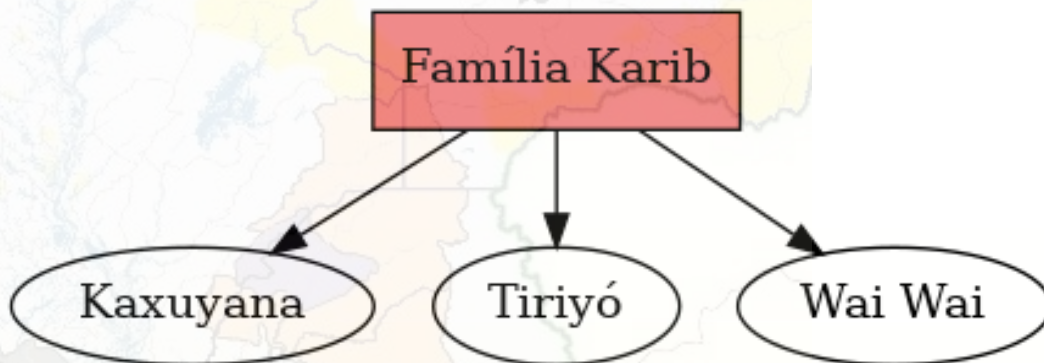
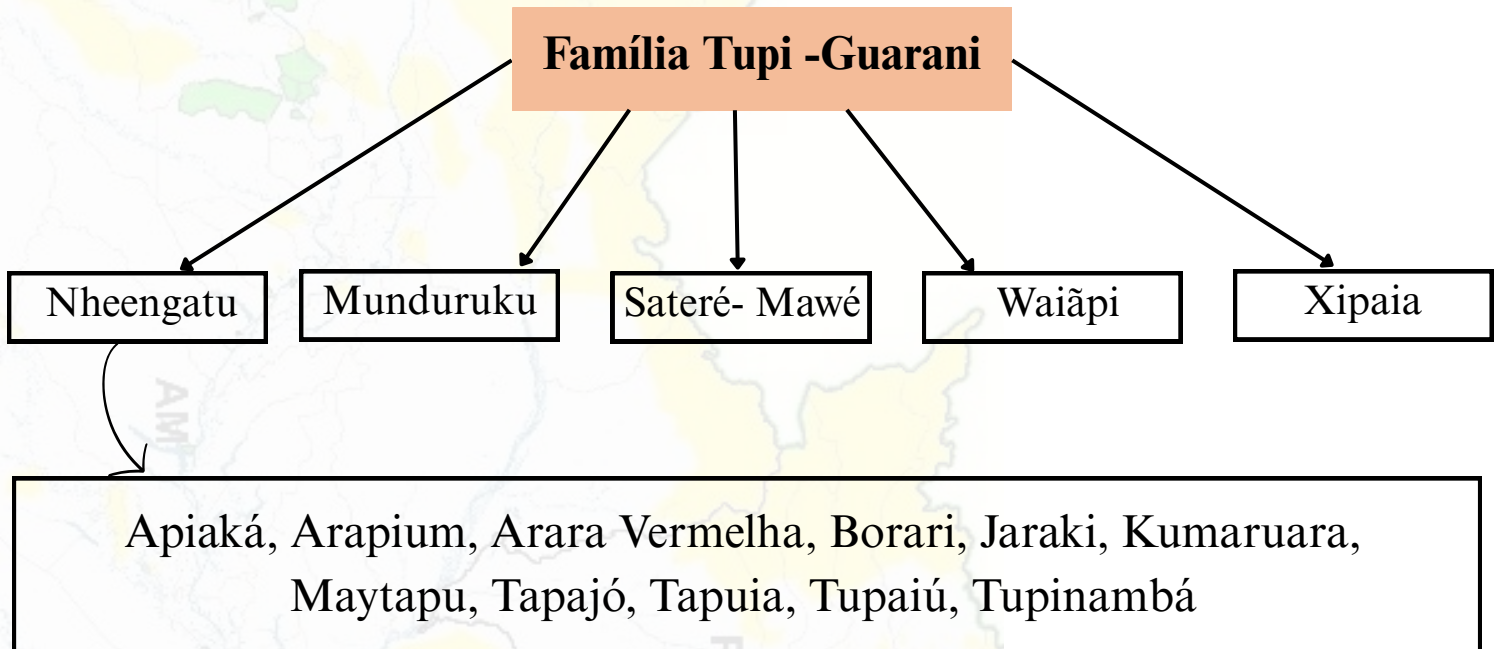
Ao evidenciar tanto a diversidade quanto as desigualdades presentes na Ufopa, este trabalho contribui para que possamos avançar em direção a uma universidade que, de fato, viva a interculturalidade crítica, aquela que reconhece diferenças, constrói pontes e se transforma pelo encontro entre mundos. Inspirados pela noção de alianças afetivas de Ailton Krenak, entendemos que o futuro da educação superior na Amazônia passa pela construção de relações solidárias e horizontais entre todos os sujeitos que a compõem.

Que esta cartografia não seja apenas um registro, mas um convite à ação. Que sirva como referência para políticas públicas e institucionais que respeitem e fortaleçam os direitos, as línguas e os modos de vida dos povos indígenas. E que, acima de tudo, reforce a certeza de que a presença indígena na universidade é, simultaneamente, um direito, uma riqueza e uma oportunidade de transformação para toda a comunidade acadêmica.





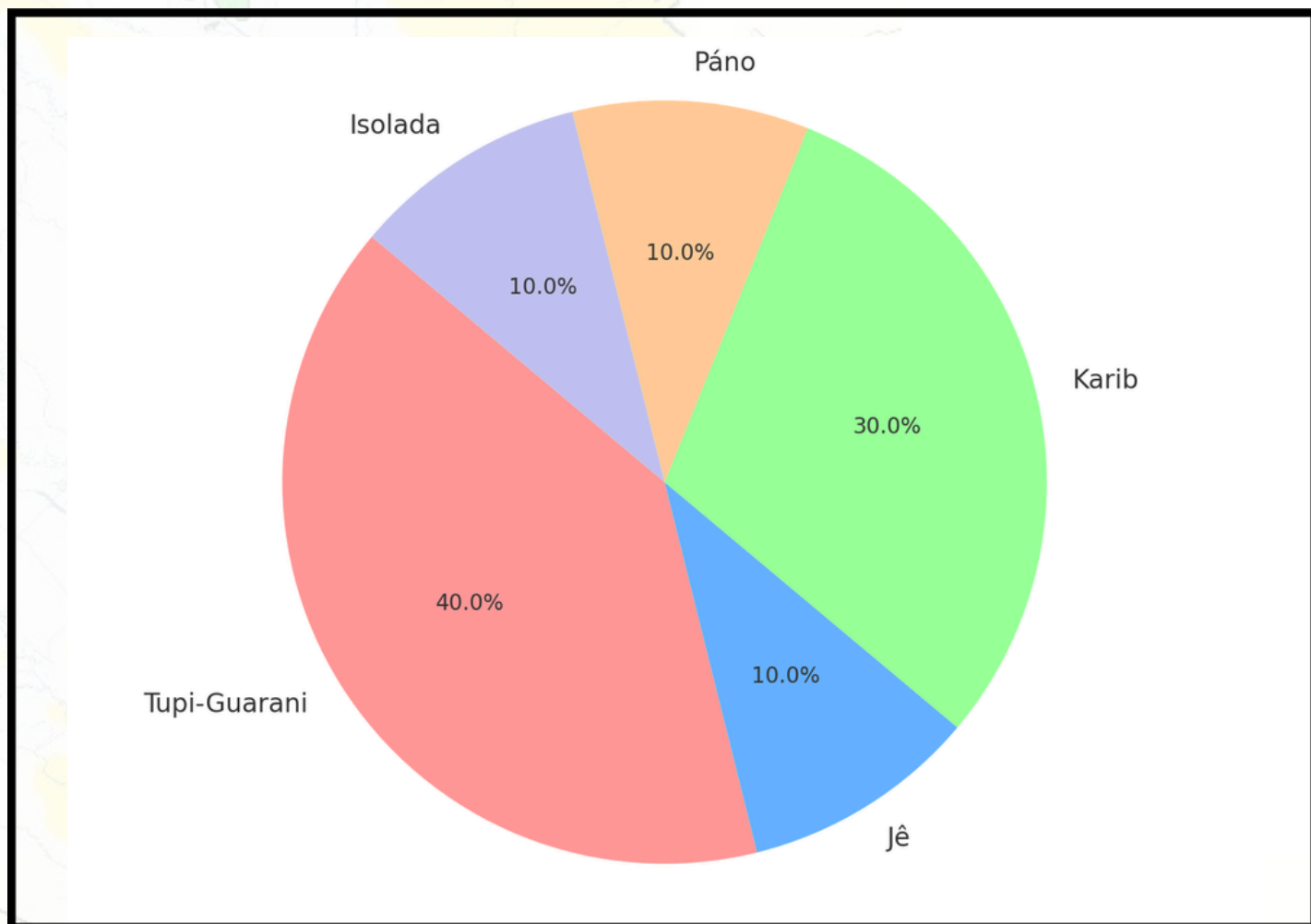
## LÍNGUAS INDÍGENAS PRESENTES NA UFOPA (2023)



Fonte: Projeto Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa (2023-2024)

Arte: Raquel Fernandes Tupinambá

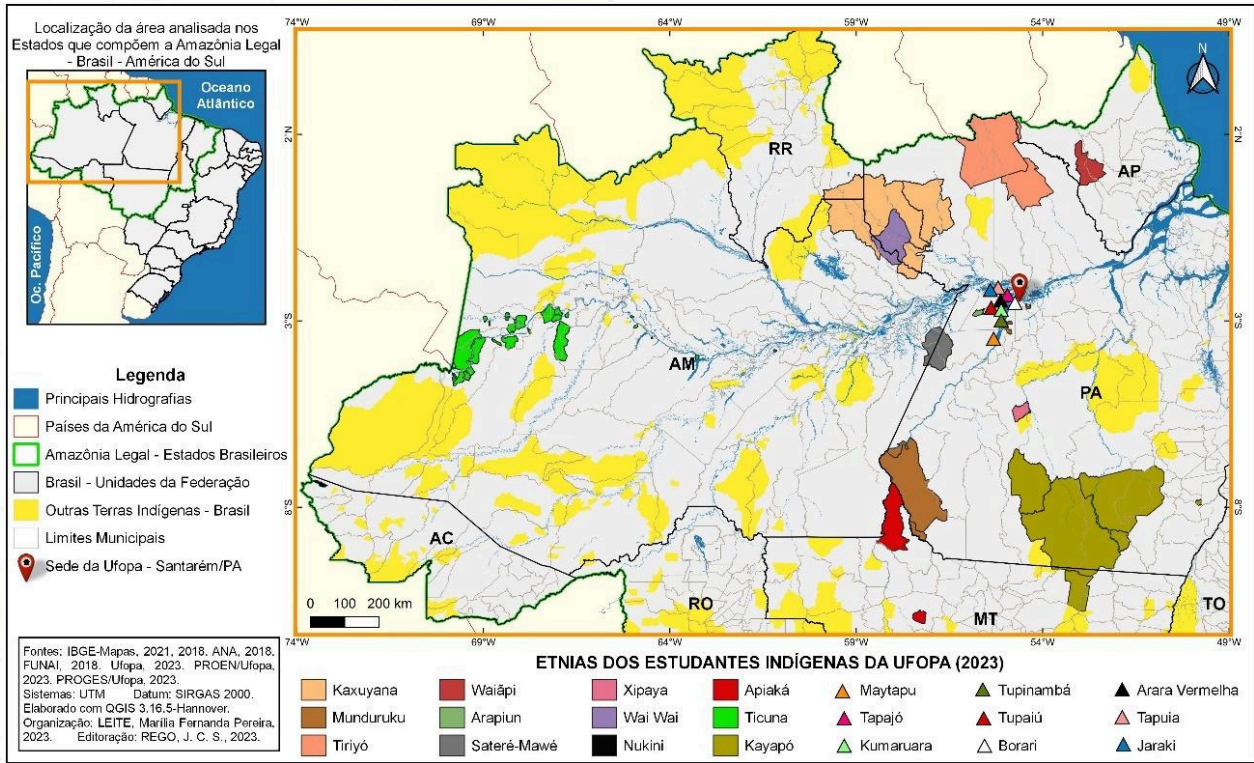
### DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS POR FAMÍLIA NA UFOPA



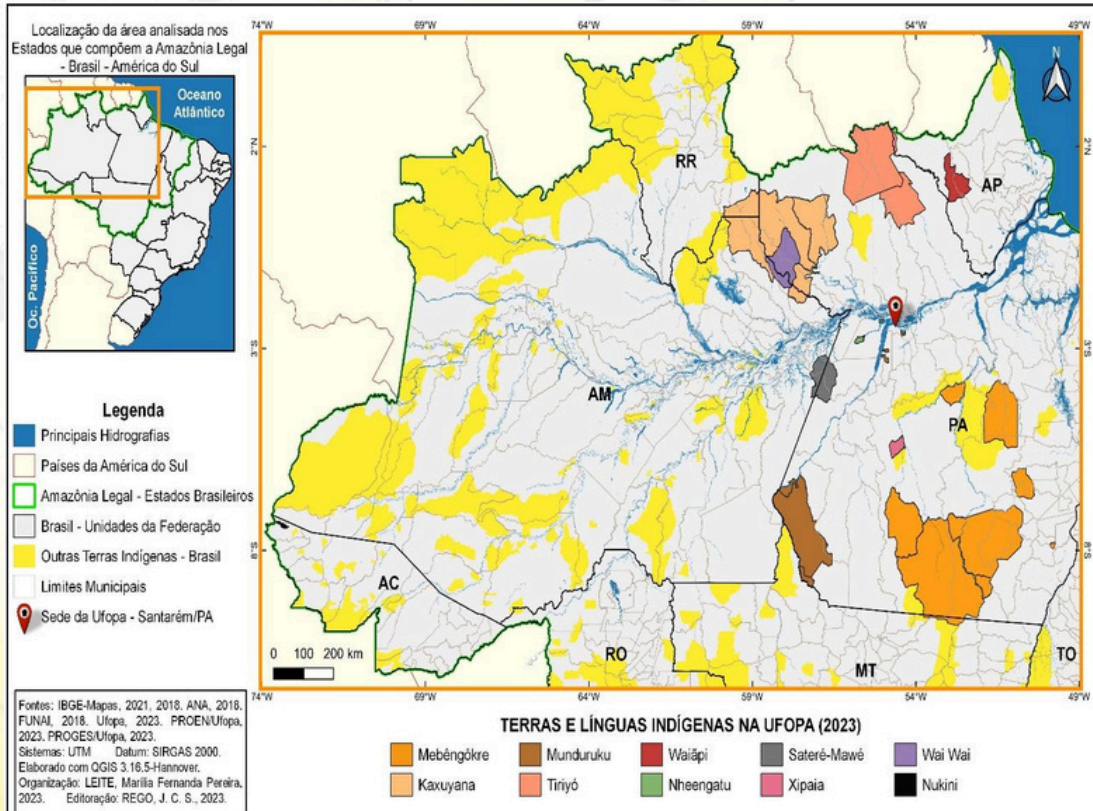
Fonte: (Leite, 2025)

Arte: Raquel Fernandes Tupinambá

MAPA 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DOS POVOS DA UFOPA



MAPA 2: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS LÍNGUAS POR TERRITÓRIOS INDÍGENAS DOS ESTUDANTES DA UFOPA



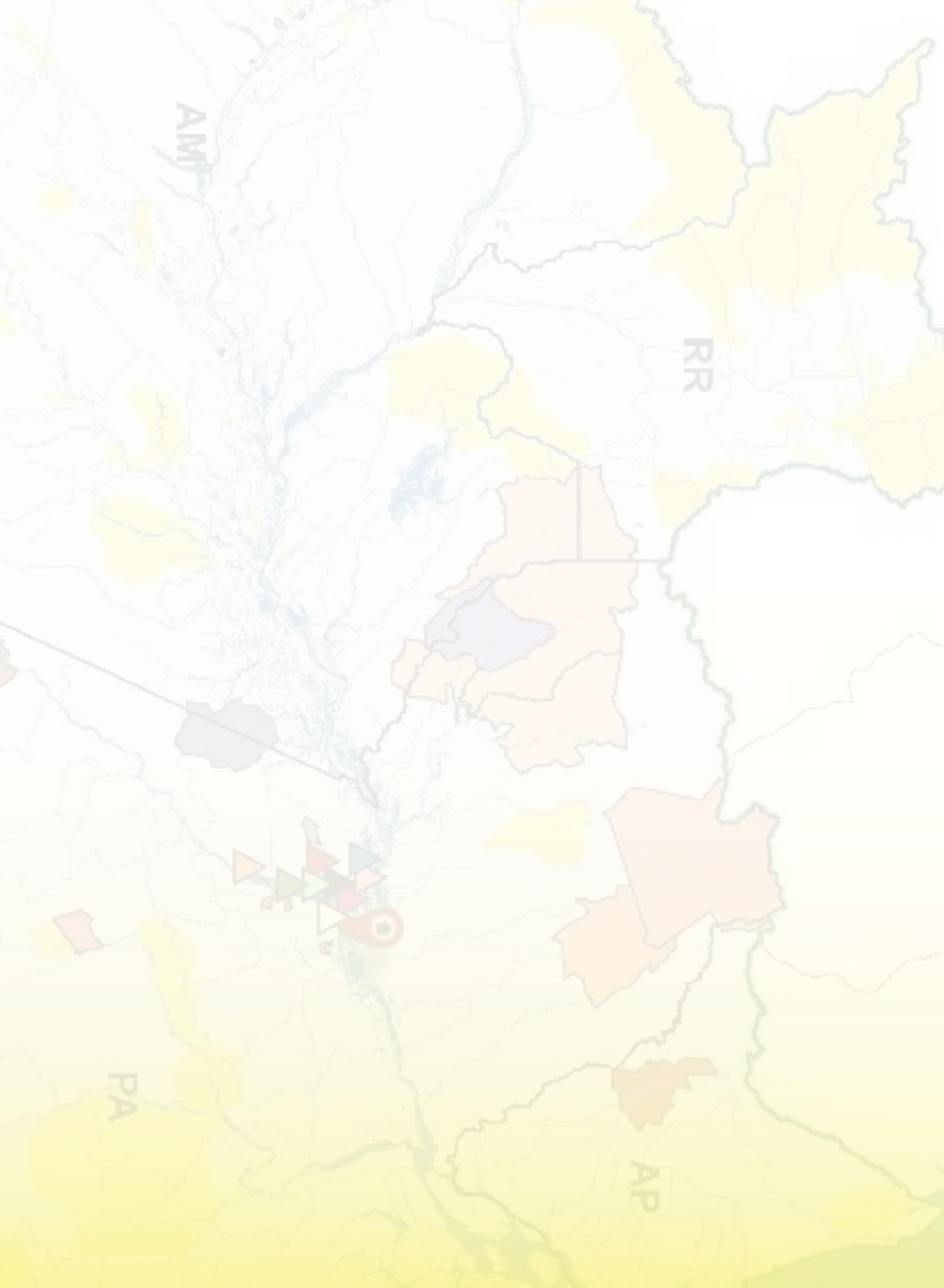
Fonte: Projeto Cartografia dos Povos Indígenas da Ufopa (2023-2024)  
Fonte: (Leite, 2025)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEITE, Marília Fernanda Pereira. **Da promoção da cartografia das línguas indígenas na universidade à construção de diretrizes para uma política linguística institucional multilíngue**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2025.

PORTELLA, Janaína. **7 Encruzilhadas Magia Elemental**. Formato E-book Kindle, 2022. Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/dp/B09PXVQPG8/ref=docs-os-doi\\_0#detailBullets\\_feature\\_div](https://www.amazon.com.br/dp/B09PXVQPG8/ref=docs-os-doi_0#detailBullets_feature_div)>. Acesso em: 24/08/2025.





**KUEKATU RETÉ!  
MUITO OBRIGADA!**